



César Augusto de Oliveira Ferreira

**ATRAVÉS DA CÂMERA: A DISCIPLINA ARTE NA
ESCOLA PÚBLICA EM TEMPOS DE ENSINO REMOTO
EMERGENCIAL E ALGUMAS PROPOSIÇÕES**

JANEIRO
2023

César Augusto de Oliveira Ferreira

**ATRAVÉS DA CÂMERA: A DISCIPLINA ARTE NA
ESCOLA PÚBLICA EM TEMPOS DE ENSINO REMOTO
EMERGENCIAL E ALGUMAS PROPOSIÇÕES**

Proposta pedagógica para a obtenção do título de Mestre em Artes, submetida à Universidade de Brasília, Programa de Mestrado Profissional em Artes (Prof-Artes), área de concentração Ensino de Artes – na linha de pesquisa processos de ensino, aprendizagem e criação em artes.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Carmo Couto da Silva

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

dD278a de Oliveira Ferreira, César Augusto
ATRAVÉS DA CÂMERA: A DISCIPLINA ARTE NA ESCOLA PÚBLICA EM
TEMPOS DE ENSINO REMOTO EMERGENCIAL E ALGUMAS PROPOSIÇÕES /
César Augusto de Oliveira Ferreira; orientador Maria do
Carmo Couto da Silva. -- Brasília, 2023.
53 p.

Dissertação(Mestrado Profissional em Artes) --
Universidade de Brasília, 2023.

1. ensino remoto. 2. ensino de arte. 3. fotografia. I.
Couto da Silva, Maria do Carmo, orient. II. Título.

Agradecimentos

ao corpo, ancestral itinerante
descobridor de rumos e abridor de trilhas
mudador de mundos, movedor de fundos
transformador de si, Terra que é

a Sônia e Wanderlan, que ensinam carinho, cuidado, estudo e trabalho
a Natália e Gustavo, com quem costuro a existência fraternal
a Malu e a Helô, inspirações da continuidade
a Lucas, companheiro da autotransformação
a Mari, Joyce, Lara e Camilla e toda a minha rede de apoio
a Carol, Rafa, Carlos, Lourdes, Jaque e Valdete, pela luz, união e amor

a Lucélia, que abriu os caminhos
a Diego e Pablo, que apresentaram as ferramentas
a Maria do Carmo, pela orientação afetuosa
aos estudantes da Escola Municipal Nelson Mandela

a todas as mulheres e homens com quem já aprendi
a quem já fui e serei
a arte e a educação
a ser humano.

Há aqui alguém
que aprende todos os dias
que Educação
é a solução

RESUMO

Este artigo tem como objetivo a descrição e análise de atividades didáticas executadas no contexto da pandemia mundial de COVID-19 na disciplina Arte em uma escola pública da periferia de Valparaíso de Goiás no ano letivo de 2021 com alunos dos dois anos finais do Ensino Fundamental, assim como apresentar uma proposta pedagógica para o ensino de artes utilizando a fotografia nos últimos anos do Ensino Fundamental. Os alunos foram recebidos em um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) contendo salas temáticas, com a primeira ação desenvolvida pelo professor sendo a personalização da página da sala de aula, seguido da utilização dos fóruns para reunir as participações escritas e produções estéticas, utilizando vídeos autorais curtos que poderiam ser acessados de forma assíncrona. O segundo bimestre passou para a modalidade síncrona de aulas utilizando a plataforma Spatial.chat, onde desenvolveu-se o trabalho com fotografia. No entanto, a baixíssima quantidade de alunos presentes e a necessidade de engajar os alunos que não podiam estar nas aulas levou de volta ao formato assíncrono no terceiro bimestre com vídeos do professor de até 15 minutos e que geraram maior participação nos fóruns. Uma vez que a escola cria uma delicada rede de relações que vai entrelaçando, todos os dias, as rotinas, os humores e as histórias e realidades de toda a comunidade escolar, pôde-se perceber a fotografia como ferramenta para desenvolvimento do olhar artístico, a fruição de arte, a expressão e a criação artística, com os participantes sendo provocados a reflexões e novos olhares a partir das fotografias apresentadas.

Palavras-chave: ensino remoto, ensino de arte, fotografia.

ABSTRACT

This article aims to describe and analyze the didactic activities performed in the context of the global pandemic of COVID-19 in the Art subject in a public school in the periphery of Valparaíso de Goiás in the school year of 2021, with students from the last two years of elementary school, as well as to present a pedagogical proposal for teaching art using photography in the last years of the elementary school. The students were received in a Virtual Learning Environment (VLE) containing thematic rooms, with the first action developed by the teacher being the customization of the classroom page, followed by using forums to gather written participations and aesthetic productions, using short authorial videos that could be accessed asynchronously. The second bimester moved to the synchronous format of classes using the Spatial.chat platform, where the work with photography was developed. However, the very low number of students present and the need to engage students who could not be in class led back to the asynchronous format in the third bimester with teacher videos of up to 15 minutes, which generated more participation in the forums. Once the school creates a delicate network of relationships that every day interweaves the routines, the moods, and the stories and realities of the entire school community, it was possible to perceive photography as a tool for the development of the artistic eye, the enjoyment of art, artistic expression and creation, with the participants being provoked to reflect and develop new perspectives based on the photographs they presented.

Keywords: remote teaching, teaching of arts, photography.

Sumário

Agradecimentos.....	3
RESUMO	4
ABSTRACT.....	4
Índice das ilustrações	6
Introdução	8
Plataforma digital.....	9
Sobre a internet	10
Linguagens.....	13
1º Bimestre: Acolher e Engajar.....	16
2º Bimestre: Estudar através da câmera	25
Chat espacial	25
Fotografia.....	29
3º Bimestre - Ativar.....	39
Através da Câmera: Uma proposta pedagógica	44
Considerações finais.....	47
Referências bibliográficas.....	51

Índice das ilustrações

Figura 1 - <i>Gráfico 1 - Base ativa de dispositivos digitais em uso no Brasil. Fonte: MEIRELES, 2022, p. 17.</i>	11
Figura 2- <i>Cabeçalho das páginas de turma escritas à mão com um aviso oculto para os estudantes.</i>	17
Figura 3- <i>Imagem da atividade 01 com a pergunta para participação no fórum: “o que é arte para você?”. Ao centro, a imagem do vídeo de saudação e convite à participação.</i>	18
Figura 4 – <i>Participações no primeiro fórum do bimestre.</i>	19
Figura 5- <i>3 Produções estéticas recebidas em Março de 2021, período onde chegaram a morrer 3 mil pessoas diariamente no Brasil</i>	20
Figura 6- <i>Respostas ao fórum de comentários do texto “Como a arte nos salva?” - Todos os alunos precisavam necessariamente responder ao fórum para concluir a atividade.</i>	21
Figura 7 - <i>Ilustração 01 - “Relatos de Ansiedade” Caneta sobre papel (reprodução), César Ferreira, 2021. Compartilhada na aula sobre “Pontilhismo”, para demonstrar uma forma de utilização da técnica.</i>	22
Figura 8- <i>Produção de uma aluna que fazia parte do bloco “Para esta semana” que foi utilizada para demonstrar os conceitos da aula sobre elementos da comunicação visual.</i>	23
Figura 9- <i>Produções dos alunos em Pontilhismo apresentadas na conclusão do primeiro bimestre.</i>	23
Figura 10 - <i>Gráfico 02 – Avaliações do trabalho realizado durante o primeiro bimestre.</i>	24
Figura 11 - <i>Chamada para as aulas ao vivo a partir do segundo bimestre, feita à mão. A imagem era também um hyperlink para o espaço na plataforma Spatial.chat.</i>	25
Figura 12 - <i>Aguardando a chegada dos alunos, a imagem superior de um sofá centralizado e cercado de poltronas menores para serem ocupadas. Um círculo com uma foto do professor centralizada.</i>	28
Figura 13- <i>Atividade provocando os alunos a fotografar formas. Em seguida, fotos na vizinhança para exemplificar a utilização da técnica.</i>	30
Figura 14 - <i>Produções dos alunos no exercício de procura de formas.</i>	31
Figura 15 - <i>Interface da plataforma Spatial.Chat, em que cada participante é um círculo com sua imagem e que pode se mover pelo espaço por arrastar e soltar. Como planetas, tinha a impressão que os alunos me orbitavam, o que evidenciou a adequação do nome da plataforma: Chat espacial.</i>	32
Figura 16 - <i>Produções de alunos para o exercício de observação da luz.</i>	35
Figura 17 - <i>Produções dos alunos para o exercício sobre tom. Os alunos enviaram selfies em preto e branco e a imagem resultante mostrava em círculo, todos os participantes que enviaram suas atividades. A escolha da disposição circular evidencia a unidade dos alunos que compunham as atividades online, ao mesmo tempo que representa o ponto, que segundo DONDIS (1997) é a unidade básica da comunicação visual.</i>	36
Figura 18 - <i>Imagens enviadas por um aluno observando a cor preta para o trabalho final do segundo bimestre.</i>	37
Figura 19- <i>Em uma selfie da turma, resalto que era pouco comum os alunos não ligarem as suas câmeras, mas eram encorajados a escolher uma foto para representá-los.</i>	38
Figura 20 - <i>Captura da tela 01 - Primeiro vídeo gravado para a aula de artes do terceiro bimestre. Compartilho com os alunos a obra “Tempo”, 2020, de minha autoria para exemplificar que as obras merecem ser exibidas em um lugar destinado à arte.</i>	39
Figura 21- <i>Participações dos alunos que evidenciava a não-visualização do vídeo criado para aula, que pedia um relato da visita em realidade virtual de 1 dos 4 museus apresentados.</i>	40

Figura 22 - <i>Participação dos alunos que de sabiam o que se pedia no fórum e responderam corretamente.</i>	41
Figura 23 - <i>Captura de tela 02 - Segunda aula de agosto. Mostro a obra “A fonte” de Marcel Duchamp, 1917, que questionou em sua época, a função dos museus.</i>	41
Figura 24 - <i>Participação nos últimos fóruns antes das preparações de retorno à escola de forma híbrida.</i>	43
Figura 25 - <i>Alguns comentários de feedback no fórum opcional.</i>	43

Introdução

O artigo aqui apresentado tem como objetivo apresentar uma proposta pedagógica para o ensino de artes utilizando a fotografia nos últimos anos do Ensino Fundamental, assim como a descrição e análise de atividades didáticas realizadas no contexto da pandemia mundial de COVID-19 na disciplina Arte. Uma das principais referências para o trabalho realizado foram as propostas da Base Nacional Comum Curricular, que para o componente curricular Arte, propõe sua centralização:

nas seguintes linguagens: as Artes visuais, a Dança, a Música e o Teatro. Essas linguagens articulam saberes referentes a produtos e fenômenos artísticos e envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre formas artísticas. A sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem em Arte. (BNCC, 2018, p.193)

Primeiramente, é importante apresentar o contexto social e econômico da cidade onde se localiza a escola onde realizei as atividades mencionadas acima. Valparaíso de Goiás é um município de Goiás com população de 196.967 mil habitantes, segundo a prévia do Censo Demográfico de 2022. Em situação emergente, emancipou-se de Luziânia (Goiás) em 1995 e é limítrofe com a Capital Federal, sendo mais próxima de Brasília (40km) do que de Goiânia (188km). O município enfrenta diversos problemas desde sua fundação, compondo juntamente com outras cidades goianas e mineiras o “Entorno de Brasília”. Segundo Castro:

a formação social, política e econômica do Entorno coloca em evidência as diferenças de apropriação de poder, recursos (públicos e privados) e serviços essenciais para uma população que vive “entre lugares”. Na perspectiva de centro-periferia, a população do Entorno vive (estuda, trabalha, se alimenta, descansa, etc.) em constante movimento pendular de ir e vir, orientado pelo *locus* dos poderes da República e do próprio Distrito Federal, contrastando com a realidade de concentração e exclusão de lugares “fora” de Brasília. (CASTRO, 2019, p. 3)

Localizada no bairro Jardim Céu Azul, o mais populoso da cidade e limítrofe a Santa Maria no Distrito Federal, sendo o público majoritariamente de baixa renda, a escola oferta o Ensino Fundamental em seus quatro anos finais para aproximadamente 500 alunos em dois turnos. Há um amplo pátio retangular e as oito salas de aula têm suas portas e janelas viradas para ele, incluindo-se as salas administrativas e de gestão e os

banheiros. No segundo piso, acima das salas e elevando o pé direito, há a quadra de esportes, a biblioteca, sala de AEE e a sala dos professores.

Em 2020, com os números de casos e mortes aumentando rapidamente e a necessidade de se iniciar medidas restritivas à circulação e agrupamentos sociais para combater a proliferação do novo coronavírus SARS-COVID-19 (COVID-19), foram interrompidas as atividades presenciais na Escola Municipal Nelson Mandela (EMNM) a partir de 17 de março de 2020.

As medidas de distanciamento social forçaram a migração de todos os setores sociais, culturais e educacionais para a realidade das redes sociais, ambientes virtuais de aprendizagem, *lives* e reuniões por vídeo chamadas.

Nos primeiros meses que se seguiram, arrastados pelos diversos prolongamentos do estado de emergência sanitária, o ensino remoto emergencial começou a ser entendido como “uma das alternativas para reduzir a reposição de carga horária presencial ao final da situação de emergência e permitir que os estudantes mantenham uma rotina básica de atividades escolares mesmo afastados do ambiente físico da escola.” (CNE/CP N° 5/2020 p. 7). Dessa forma, os gestores puderam oferecer diversas modalidades de atendimento aos alunos, mesmo os afastados que não possuíam acesso à internet ou a equipamentos de acesso e passaram a receber cadernos de atividades impressos a cada 15 dias.

Plataforma digital

No ano letivo de 2021, a recepção dos alunos foi feita em uma plataforma *Moodle* chamada "*YouEduc*", quando todos os alunos matriculados na rede receberam login e senha personalizados para acesso à plataforma.

Moodle é um software de gestão de aprendizagem (do inglês *LMS - Learning Management System*) que pode ser modificado e distribuído de forma gratuita, permitindo que as funcionalidades dos cursos sejam personalizadas de acordo com a necessidade do público a que são destinados. A plataforma permite que sejam criados diversos mecanismos para interação, incluindo questionários, tarefas, lições, pesquisas e *Wikis* (pequenas bibliotecas), além de permitir *chats* e fóruns.

As disciplinas passaram a ser consideradas cursos e cada professor recebeu as suas turmas na plataforma *online* como receberiam caso as aulas fossem presenciais, mas em ambiente virtual: uma sala temática com a possibilidade de personalizar a aparência, a organização do conteúdo e oferecendo a capacidade de monitoramento de como os participantes interagem com o sistema. Aos alunos, cabia transitar por entre as salas de

aula de cada disciplina de forma independente, concluindo uma atividade de cada vez e, como em um jogo de videogame, visualizar a porcentagem de conclusão.

Longe de ser um ambiente de mera transmissão de conteúdos, como é uma escola sem suas paredes, sem suas salas e sem as cadeiras ocupadas? Onde acontece o agora escolar dos tempos de Internet? Este trabalho reflete sobre as ações realizadas com alunos dos 8º e 9º anos na disciplina Artes durante os três primeiros bimestres de 2021, período em que durou o distanciamento social e, por conseguinte, praticou-se a escola remota, naquele ano. Aproximadamente 120 alunos compunham o grupo de estudantes.

Um dos pontos enfatizados na BNCC é a proposta de que os conhecimentos e experiências artísticas relacionam-se a situações de “materialidades verbais e não verbais, sensíveis, corporais, visuais, plásticas e sonoras” (BNCC, 20187, p.195) e devido a isso é importante pensar pedagogicamente as experiências artísticas levando em conta também sua carga subjetiva.

No primeiro bimestre, entre março e abril, conduzi atividades de acolhida e expressão livre, visando não somente a recepção na plataforma nova como a compreensão de que Arte é uma expressão de comunicação humana. No segundo bimestre, entre maio e junho, as aulas apontaram para um processo de iniciação em fotografia, ligado ao campo das experiências visuais, que conduzi de forma síncrona pela plataforma *Spatial.Chat*. No terceiro bimestre, após o recesso de julho, entre agosto e setembro, interrompi as aulas síncronas e iniciei a gravação de videoaulas com o objetivo de direcionar as discussões para os fóruns.

Gostaria de ressaltar que o quarto bimestre aconteceu em modalidade híbrida e não faz parte do escopo deste trabalho.

Sobre a internet

Nos anos 1960, McLuhan apontou as bases das dinâmicas de troca de informações entre as pessoas e as civilizações, definindo parâmetros mínimos para a comunicação em um período em que as tecnologias apontavam para um futuro linear de transmissão de informação: um emissor, que possui uma mensagem, utiliza um canal para transmiti-la ao receptor.

Os jornais, rádios e televisões têm em si grande parte dessa configuração e desenvolveram-se a ponto de permitir a massificação das informações, atingindo grande número de pessoas simultaneamente.

No final dos anos 1990 já se discutia os possíveis desdobramentos que as novas tecnologias de comunicação teriam e quais as suas implicações. Segundo Levy (1999), a sociedade é condicionada pelas técnicas por ela produzidas, uma vez que elas abrem novas possibilidades e opções socioculturais que não poderiam ser concebidas antes da criação da técnica.

Com a crescente digitalização das práticas relacionais, O Ciberespaço vai sendo ocupado cada vez mais, tornando-se uma forma de caracterizar o ambiente de acontecimento das relações *online* e a compreensão do “onde” as informações são compartilhadas e acessadas por todos, enfraquecendo o conceito de emissor único e dominante.

Já no final da primeira década do Século XXI, grandes empresas de tecnologia começaram a oferecer aos usuários plataformas intuitivas para inserção e consumo de informações pela *internet*, toda a necessidade de se discutir e aprender informática (e a estrutura das redes) foi deixada de lado.

Lançado nos Estados Unidos em 2007, o *iPhone* revolucionou a maneira como a informação é visualizada no mundo, simplificando a disposição da informação em telas pequenas. Sua empresa mãe, a *Apple INC.*, é uma empresa de artigos de informática que empreendeu na tarefa da miniaturização dos computadores, resultando em um aparelho integrado portátil, interativo e revolucionário que se espalhou pelo mundo. No Brasil, há mais aparelhos digitais ativos do que o total da quantidade de habitantes.

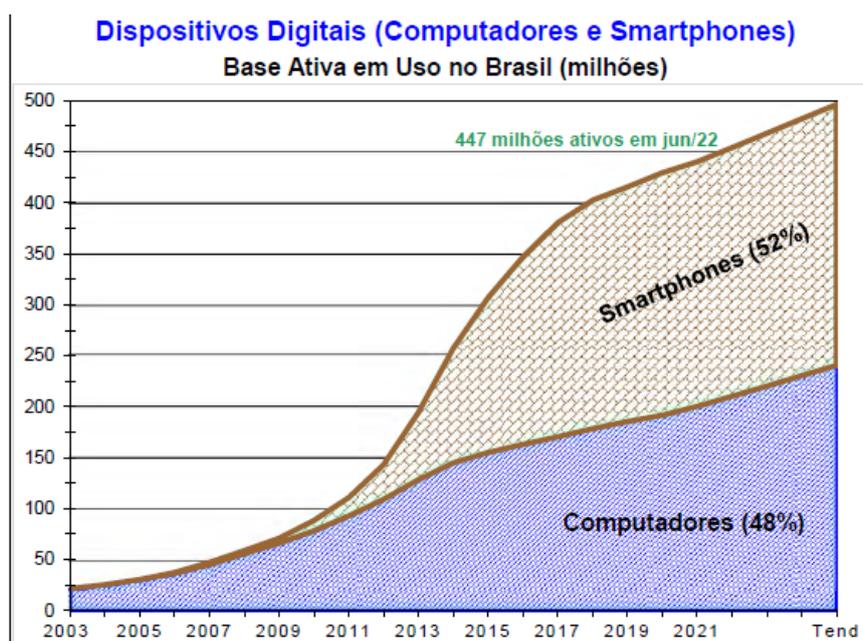


Figura 1 - Gráfico 1 - Base ativa de dispositivos digitais em uso no Brasil.
Fonte: MEIRELES, 2022, p. 17.

Com as telas de LED e conexão de internet de alta velocidade chegando a qualquer lugar via satélites, vemos a era dos supercomputadores na palma da mão e a informação circulando o mundo tão rapidamente quanto a luz. Todo esse fluxo de dados é feito por tubos óticos que se espalham pelo fundo dos oceanos conectando todos os continentes por múltiplos caminhos. É a instantaneidade do agora, com alguns segundos de atraso, de dentro de casa, na palma da mão com transmissões ao vivo e chamadas de vídeo comuns e dependendo apenas de um aparelho e um ponto de acesso à internet. As redes sociais são como *hubs* de recepção e consumo de imagens estáticas ou em movimento e *hiperlinks*, produzidos pelos e para usuários.

Cada vez mais intuitiva, a interface dos *smartphones* permite o acesso à informação ao alcance de alguns toques. O desafio que o período de distanciamento social como medida sanitária contra a dispersão da COVID-19 gerou foi tornar a escola funcional de forma não presencial, empurrando todos os profissionais da educação para a realidade de conversar, se relacionar e existir dentro de ambientes *online*.

Por dois anos fechada por calamidade sanitária, a verdadeira função foi exposta: a social. Para Freire “é uma pena que o caráter socializante da escola, o que há de informal na experiência que se vive nela, de formação ou deformação seja negligenciado.” (FREIRE, 1996, p. 37). Caráter esse que foi profundamente afetado e prejudicado durante o tempo de distanciamento social, que apesar de ter sido vivido em coletivo através das redes sociais, é marcado pelo isolamento dos usuários impedidos de se encontrar. E é justamente a continuidade do dia-a-dia da escola – conhecer uns aos outros – que foi suspensa.

A Secretaria Municipal de Educação de Valparaíso de Goiás (SME), seguindo as determinações do Conselho Nacional de Educação (CME), promoveu diversas atividades para evitar a evasão escolar que incluíram elaboração e distribuição de cadernos de atividades multidisciplinares impressos, criação de múltiplos canais de comunicação, que incluía *email*, *Facebook* e *Whatsapp*, além de busca ativa e criação de um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) em plataforma *Moodle*.

Além disso, a SME promoveu reuniões em grupos de disciplinas dos profissionais da rede para a criação de currículos mínimos para o momento emergencial tendo como norteadores os parâmetros da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelecida pela Lei nº 13.415, de 2017, que reconhece que a educação “tem um compromisso com a formação e o desenvolvimento humano global, em suas dimensões intelectual, física,

afetiva, social, ética, moral e simbólica” (BRASIL, 2018, p. 16), mostrando que o desafio da escola remota é extenso. O documento também prevê a autonomia das redes de ensino e escolas para adequar as competências e habilidades a seus contextos particulares.

Segundo Vasconcelos, Jesus e Santos (2020, p.03), diferentemente da Educação a Distância (EAD) onde o processo de aprendizagem está principalmente focado em processos, na educação *online*, direcionada para produtos e resultados, “a aprendizagem transpõe a distância temporal ou espacial através da tecnologia digital que é "multidirecional", eliminando a distância ou construindo interações diferentes daquelas presenciais.” (2020, p. 03). A escola remota foi marcada pela extensa experimentação, por parte dos professores, de novas ferramentas e possibilidades de criação pedagógica. Uma busca incessante por interação com os alunos.

A BNCC propõe ao professor de prever a possibilidade dos alunos explorarem múltiplos recursos tecnológicos e ainda ligados à arte e tecnologia, mas entendemos que essas possibilidades não são uniformes em todo o Brasil. A realidade socioeconômica da região refletia na estratégia que adotamos como Secretaria Municipal de Educação: disponibilizar todos os canais possíveis para contato com a escola, uma vez que grande parte dos alunos da escola não possuía um aparelho de acesso à *internet* sempre disponível para acompanhamento das atividades escolares. Além do AVA, cadernos impressos de atividades confeccionado pela SME foram distribuídos e recebidos durante todo o período da escola remota.

Linguagens

O início da minha vida profissional foi como professor de Inglês em uma escola de idiomas particular em 2011, quando estava no segundo ano da Licenciatura em Letras Inglês, lá permanecendo até 2018, quando saí para tomar posse na SME na cadeira da disciplina Inglês. Em 2020 assumi quatro turmas da disciplina Artes por haver necessidade de complementação da carga horária mínima semanal como uma solução para a profunda carência de professores de Arte na rede.

Poucos meses depois, veio a pandemia. Foi no tempo em casa que preparei o pré-projeto para este trabalho, ingressando no Mestrado Profissional para Professores de Arte. Parte da dificuldade em colocar este material em movimento vem de descobrir, enquanto se faz, o que é ser professor de Artes, de forma remota

Tomando como base a BNCC (2018), que passa a entender o componente curricular Arte não somente pelo fazer artístico, mas centrado nas experimentações por

diversas linguagens que se atravessam, Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, a aula de Artes visa promover a interação entre as diversas práticas e produções artísticas e culturais. O processo de construção do conhecimento em arte passa a ser sistematizado em seis categorias distintas, as dimensões do conhecimento, que visam caracterizar a singularidade das experiências artísticas. Segundo a BNCC (2018), são elas:

- Criação, referindo-se ao processo de tomadas de decisões e escolhas envolvidas no fazer artístico;
- Crítica, que se refere às relações que se estabelecem entre as manifestações artísticas e culturais, levando a novas compreensões do espaço, com encorajando do estudo e da pesquisa;
- Estesia, que propõe que o corpo e seus sentidos como meio de relação dos seres com o ambiente, produzindo conhecimentos sobre si, os outros e o mundo;
- Expressão, que se refere às possibilidades de exteriorização e manifestação em criações que refletem a subjetividade através de procedimentos artísticos;
- Fruição, que se refere à interação com as manifestações artísticas em processo de afetação e sensibilização e/ou estranhamento.
- A Reflexão, que se refere à construção de argumentos sobre as experiências artísticas vividas como criador ou leitor.

Compreendendo que Arte e Língua Estrangeira (LE) são componentes curriculares da mesma área do conhecimento (Linguagens), busco um paralelo entre o ensino de idiomas e o ensino de artes, de forma a auxiliar a organização e no desenho das aulas de arte, ativando as diferentes dimensões do conhecimento e as competências específicas da área. A BNCC propõe ainda a superação da fragmentação radicalmente disciplinar do conhecimento em processo interdisciplinar marcado pelo “estímulo à sua aplicação na realidade, a importância do contexto para dar sentido ao que se aprende e o protagonismo do estudante em sua aprendizagem e na construção de seu projeto de vida. (Ibidem, p. 8).

A Abordagem Comunicativa de ensino propõe que as atividades trazidas pelo professor promovam momentos genuínos de utilização da LE. Nas escolas que adotam essa abordagem para o ensino de idiomas, por exemplo, é comum que haja eventos temáticos, como o Halloween, e o ensino vai sendo “embasado no sentido e na interação

entre os alunos, possibilitando que cada um use a língua-alvo para se comunicar em situações reais, ao interagir com outros usuários dessa língua” (NUNES, 2018, p. 13).

Quando abordando a disciplina Inglês, a BNCC declara conceber a língua como uma construção social, uma forma que “o sujeito ‘interpreta’, ‘reinventa’ os sentidos de modo situado, criando novas formas de identificar e expressar ideias, sentimentos e valores.” (BRASIL, 2018, p. 242). Quando considerando a disciplina Artes em suas linguagens, o documento considera que

os conhecimentos, processos e técnicas produzidos e acumulados ao longo do tempo em Artes visuais, Dança, Música e Teatro contribuem para a contextualização dos saberes e das práticas artísticas. Eles possibilitam compreender as relações entre tempos e contextos sociais dos sujeitos na sua interação com a arte e a cultura. (BRASIL, 2018, p.193)

Dessa forma, ao longo dos anos como professor de idiomas fui aprofundando na metodologia de planejamento ESA – *Engage, Study, Activate*, que aqui traduzirei como EEA - Engajar, Estudar e Ativar, proposta por Harmer (2001) como um guia para professores no início de suas carreiras. O que se propõe é a construção de um ambiente de aprendizado motivador, capaz de expor os alunos à língua-alvo e dar oportunidades de usá-la, podendo estes momentos da aula serem utilizados pelos professores da disciplina Artes na criação de seus planejamentos.

Segundo o pesquisador, engajar é o momento de conectar os estudantes ao que será tratado na aula, podendo ser um jogo, uma foto, uma piada, uma pergunta e/ou qualquer atividade que provoque um envolvimento emocional dos estudantes, em um processo de ganhar a atenção. Estudar está relacionado aos momentos em que se busca a investigação sobre determinado tópico, podendo ser a exposição pelo professor, a leitura de um texto ou imagem ou qualquer atividade cujo foco é a construção de linguagem. Ativar, por outro lado, é o momento de usar a língua estudada, colocando-a em prática comunicativamente. Neste último o professor dá instruções e comando para o trabalho que será desenvolvido pelos alunos.

O planejamento da aula se dá combinando esses momentos entre si, não necessariamente na mesma ordem, nem limitados a três momentos. Quando aplicada em conjunto com a Abordagem Triangular do ensino de arte, que propõe a composição de currículos onde o fazer artístico, a análise da obra de arte e a contextualização conduzem as direções tomadas pelo professor, dá-se a sistematização do trabalho da arte/educação contemporânea que segundo Barbosa (2014):

pretende formar o conhecedor, fruidor, decodificador da obra de arte. Uma sociedade só é artisticamente desenvolvida quando ao lado de uma produção artística de alta qualidade há também uma alta capacidade de entendimento desta produção pelo público.(BARBOSA, 2014, p. 33)

Foi criada assim, uma dinâmica pedagógica para planejamento e execução das aulas online em que as postagens semanais seguiam o modelo abaixo mencionado, separadas em blocos que entrelaçavam as semanas e davam suporte à ideia de continuidade do trabalho mesmo de forma remota:

- “Da semana passada” trazia as participações dos alunos nas atividades da semana como forma de recapitulação, engajamento e contextualização dos assuntos abordados, atuando como um mural para as produções estéticas e para os comentários feitos nos fóruns.
- Fala do professor, trazia recados da gestão, comentários sobre as participações e explicação do tema a ser trabalhado naquela aula. Nesse momento eram apresentados os novos conceitos, vídeos, links e textos que seriam utilizados em determinada tarefa ou fórum. a comunicação com os alunos sempre foi por vídeo. Texto também era utilizado, a depender da necessidade.
- “Para esta semana”, continha as instruções sobre como os alunos deveriam participar nas atividades semanais. Nesse bloco eram propostas provocações para produções estéticas e compartilhamento das produções e impressões com os colegas nos fóruns.

1º Bimestre: Acolher e Engajar

A escola determinou que cada professor deveria postar uma vez por semana, seguindo um horário definido. As postagens da disciplina Artes eram nas segundas-feiras e os outros dias eram utilizados para monitoramento das atividades e plantões de dúvidas. Os alunos tinham liberdade para realizar suas tarefas fora do horário da escola, a depender da disponibilidade de equipamento de cada um e cada atividade designada passou a ter um prazo de entrega prolongado. Na nossa escola, ficou estabelecido o prazo de 15 dias para a conclusão de cada atividade.

A plataforma *Moodle* permite aos professores a personalização dos elementos e informações exibidas, produzindo experiências visuais únicas. Além disso, a sala pode ser personalizada pela opção de modificar o código da página da sala, permitindo a

incorporação de conteúdos de outros lugares da internet. Diversos recursos podem ser trazidos para a sala de aula como imagens, músicas, jogos, vídeos disponibilizados na internet e até mesmo mostrar outras páginas-web e formulários externos.

Decidi criar uma recepção, ao invés de já começar com as atividades de forma mais direta e criei um cabeçalho personalizado, feito à mão para o diferenciar da uniformidade do *design* das letras da internet em uma analogia entre o quando-branco da sala com o fundo da página-web, remetendo de alguma forma à prática escolar de antes da pandemia e ajudando a aclimatar os alunos à sala de aula virtual. Para fazê-lo, escrevi e desenhei os elementos que depois foram digitalizados, isolados e tratados no *Photoshop* para serem incorporados à página. No centro, um espaço de avisos e abaixo um botão no formato de uma carta que abria um chat direto comigo dentro da própria plataforma, que se tornou o principal meio de comunicação com os alunos, que utilizavam principalmente para sanar dúvidas.



Figura 2- Cabeçalho das páginas de turma escritas à mão com um aviso oculto para os estudantes.

As atividades realizadas no primeiro momento foram voltadas ao acolhimento, escuta e ambientação e descoberta das possibilidades da plataforma Moodle e do propósito da Arte em sua capacidade de expressão da subjetividade, investigando o conceito proposto por Ostrower (2014) que conecta Arte à expressão humana. Segundo a pensadora,

Ao recriar as formas em nossa percepção, nós as modificamos, subjetivamente, com nosso enfoque vivencial, projetando nossas experiências e nossos valores para épocas e mentalidades bem diferentes das nossas. Entretanto, com todas as distorções inevitáveis, ainda nos resta um núcleo, áreas centrais de significado onde, na matéria formada, vislumbra-se a figura de um homem que responde – ele fala sobre si, sobre sua vida, sobre seus valores de viver. (OSTROWER, 2014, p53)

Escolhi o recurso Fórum para esse momento pois era necessário que houvesse um lugar onde os alunos pudessem se mostrar presentes na plataforma à medida que eles fossem ganhando acesso. Já na primeira semana utilizei vídeos para me dirigir aos alunos, utilizando a ferramenta integrada de gravação da plataforma, que permite a comunicação em vídeo de até 2 minutos. Naquele momento optei pela brevidade das minhas aparições, direcionando a atenção para os conteúdos que eu trazia para a aula e priorizando a participação dos alunos. O que era falado era repetido de forma escrita: valia-me do princípio da redundância. Os vídeos do primeiro bimestre eram compostos por uma saudação rápida seguida das instruções da atividade.

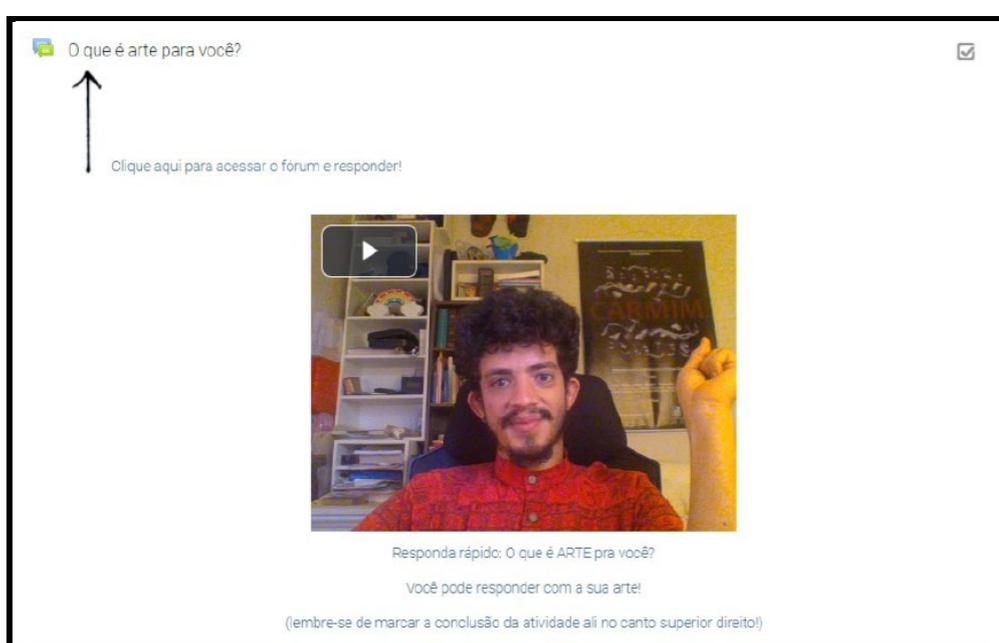


Figura 3- Imagem da atividade 01 com a pergunta para participação no fórum: “o que é arte para você?”. Ao centro, a imagem do vídeo de saudação e convite à participação.

O modelo estabelecido pela atividade 01 foi repetido, modificado e expandido ao longo do ano de trabalho: O título, indicado por um seta, também era o *hiperlink* que permitia que o estudante acessasse a atividade. As setas e a legendas foram incluídas como estratégia didática de utilização da plataforma, uma vez que grande parte dos alunos não interagia com sistemas mais complexos que as redes sociais. Havia tutoriais feitos pelos administradores da plataforma e de alunos para alunos visando auxiliar na navegação, participação e envio das tarefas.



Figura 4 – Participações no primeiro fórum do bimestre.

O primeiro bimestre foi curto e percebi que naquele primeiro momento, havia uma tendência em se conceituar as produções artísticas como expressão de sentimento de quem as produziu. Em distanciamento social há mais de um ano, aquela era uma oportunidade de estimular a produção e a fruição artística ainda que de forma livre e sem direcionamento técnico, mas que permitissem criação de produtos estéticos que demonstrassem as emoções dos participantes. Em comunicação com os alunos ressaltai que:

Se você não gosta de desenhar, o importante não é que você desenhe, mas que aplique os conceitos e as dicas de arte de alguma forma. não precisa ser de uma forma única: Arte é expressão. [...] Às vezes a gente botar um sentimento que a gente tá sentindo para fora ajuda. Quando eu falo para vocês de arte como expressão é expressar aquilo que eu estou sentindo de uma forma que não seja [necessariamente] uma Obra de Arte. 03/05/2021



Figura 5- 3 *Produções estéticas recebidas em Março de 2021, período onde chegaram a morrer 3 mil pessoas diariamente no Brasil*

Barbosa (2014) observa que a liberação das emoções quando se tratando da produção artística livre nas escolas pode levar a um processo de catarse, mas que a

ausência de reflexão impede que se aprenda com essas emoções evidenciadas. A atividade que se seguiu na semana seguinte foi a leitura de um artigo na *internet* demonstrando como as obras de arte têm uma tendência a refletir as aflições dos tempos em que elas são produzidas. O *site* trazia vários exemplos de obras de arte produzidas durante a pandemia e ajudou os alunos a compreenderem suas produções como registros do momento histórico que era vivido e a própria função da arte.

The figure consists of three vertically stacked screenshots of forum posts. Each post has a header with a profile picture, the text 'RE: COMENTÁRIOS TEXTO "COMO A ARTE NOS SALVA?"', and the author's name and date. The first post is by MARIA EDUARDA DE MENESES PIRES on April 5, 2021. The second is by JULIO GABRIEL MARTINS ALCANTARA on March 30, 2021. The third is by Maria Eduarda on April 6, 2021. Each post contains a text box with the student's response and a row of action links: 'Link direto', 'Mostrar principal', 'Editar', 'Excluir', and 'Responder'.

RE: COMENTÁRIOS TEXTO "COMO A ARTE NOS SALVA?"
por MARIA EDUARDA DE MENESES PIRES 123161562827 - segunda, 5 abr 2021, 14:19

Na minha opinião gostei muito dessa atividade pois ela ajudar nos entender que arte e muito importante pra todos nós. A Arte ensina as nos expressar.

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Excluir](#) [Responder](#)

RE: COMENTÁRIOS TEXTO "COMO A ARTE NOS SALVA?"
por JULIO GABRIEL MARTINS ALCANTARA 123467138992 - terça, 30 mar 2021, 11:29

Nossa que texto bom dê se ler arte nós mostrar a realidade da vida lá vora mostrar como nosso psicológico estamos com a nossa criatividade e pademia que está levando tantas vidas embora o mundo tem que passar artes pra as pessoas elas ficam mais alegres tiram elas de doenças como depressão é outras.

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Excluir](#) [Responder](#)

RE: COMENTÁRIOS TEXTO "COMO A ARTE NOS SALVA?"
por Maria Eduarda - terça, 6 abr 2021, 15:41

Com a arte nós podemos vê a vida de várias maneiras, não só da maneira fixa que sempre vemos... E com a arte podendo ver os dois lados da moeda. Exemplo: COMO se sentem pessoas que já sofreu ou sofrem de racismo, violência doméstica, abuso psicológico, abuso sexual... Com a arte essas pessoas pode expressa o que elas sentem ou sentiu seja com música, poema, teatro, dança entre outras maneiras

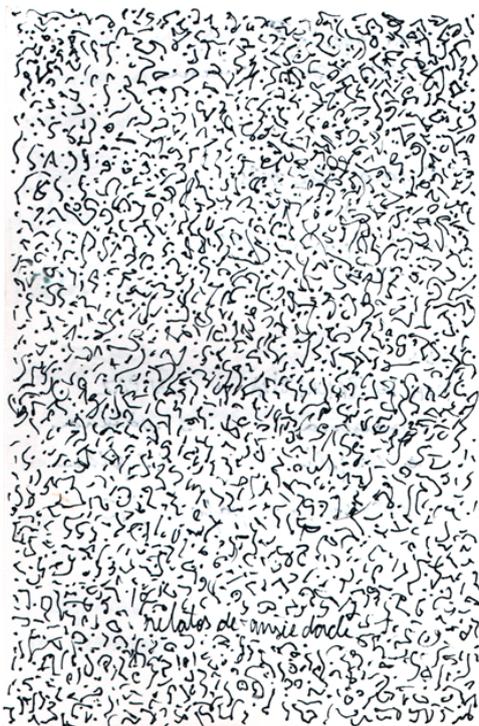
Não sei se tá certo essa minha resposta mas foi o que veio na cabeça com a pergunta 🤔🤔🤔

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Excluir](#) [Responder](#)

Figura 6- Respostas ao fórum de comentários do texto “Como a arte nos salva?” - Todos os alunos precisavam necessariamente responder ao fórum para concluir a atividade.

No início, disponibilizei todas as poucas participações que recebi, mas como a cada dia novos alunos faziam seu primeiro acesso, passei a selecionar as produções tendo como critério aquelas que melhor representavam o que era esperado das atividades em um processo de recebimento-busca que ajudou a descrever melhor as tarefas, buscando respostas para problemas reais e compreendendo que a intervenção ocorre dentro de um processo dinâmico e retroativo sobre os objetos e ao mesmo tempo dinâmico e retroativo

sobre os indivíduos (MORIN, 1985). A partir das participações era feito o planejamento da aula da semana seguinte, uma vez que era necessário avaliar a compreensão dos assuntos abordados a partir das contribuições dos alunos.



Relatos de Ansiedade, César Ferreira, 2021

Figura 7 -Ilustração 01 - “Relatos de Ansiedade” Caneta sobre papel (reprodução), César Ferreira, 2021. Compartilhada na aula sobre “Pontilhismo”, para demonstrar uma forma de utilização da técnica.

Passei a incorporar as produções dos alunos da semana anterior à aula pois era necessário destacar que havia movimento na plataforma, mostrando pelas produções enviadas, que outros alunos se dedicavam às atividades. Os prints eram disponibilizados na página principal de cada aula e este bloco foi batizado posteriormente de “Da semana passada”, tornando-se um mural público semanal. Na figura 09 pode-se ver um exemplo desse bloco.

O primeiro bimestre foi finalizado pela transição do mundo dos desenhos para o mundo da fotografia, tendo como ponto de partida o movimento artístico do Pontilhismo, uma introdução dos elementos constitutivos das artes visuais em consonância com as habilidades propostas na BNCC da primeira metade dos anos iniciais listadas no documento. Após apresentar e disponibilizar materiais para leitura fora do momento da aula, as produções enviadas foram determinantes para o desenvolvimento das aulas seguintes por terem inaugurado uma forma de utilizar as produções enviadas pelos próprios alunos para exemplificar o que era estudado.

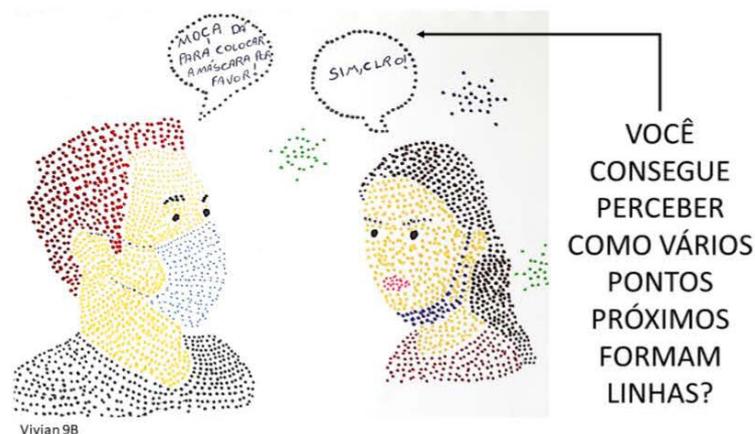


Figura 8- Produção de uma aluna que fazia parte do bloco “Para esta semana” que foi utilizada para demonstrar os conceitos da aula sobre elementos da comunicação visual.

Na semana seguinte, os trabalhos apresentados na Figura 09 demonstraram experimentações dos alunos com a linguagem do Pontilhismo seguindo o tema proposto na atividade (Pandemia e Vacinação).

Da semana passada:



Figura 9- Produções dos alunos em Pontilhismo apresentadas na conclusão do primeiro bimestre.

Em comunicação com os alunos, já no espaço novo para os momentos síncronos em transição para o segundo bimestre, ressalté a necessidade de se aplicar as informações recebidas nas produções enviadas. Ressalto aqui a repetição das instruções e o convite para participação nas aulas ao vivo para o próximo bimestre:

[...] Eu gostaria que vocês refizessem o trabalho agora com essa nova perspectiva, com essa nova abordagem. Agora que você sabe que está fazendo pontilhismo, tenta fazer isso de novo agora tentando trazer mais informação e detalhe [...] Eu gostaria de ver você tentando fazer novamente. Gostaria de ver o trabalho de vocês mais elaborado agora, com essa nova perspectiva, pensando em pontilhismo. [...] Muito obrigado por assistir esse vídeo e eu espero que a gente na segunda-feira consiga ocupar essa sala, esse espaço que é nosso! Muito obrigado e até semana que vem! (03/05/21)

Os retornos recebidos ao final do primeiro bimestre foram positivos, recebidos de forma anônima por um Formulário *Google*, e apontavam para a necessidade (ou desejo) de mais explicações. Compreendo aqui que se aproximava o momento de iniciar os trabalhos síncronos, promovendo o encontro *online* pela plataforma, uma vez que o pedido de mais explicações indicava a necessidade de estar mais próximo dos alunos. Até então, apenas o professor de matemática havia conduzido atividades síncronas, utilizando a plataforma *Google Meet*.

Como você avalia a disciplina Artes?

44 respostas

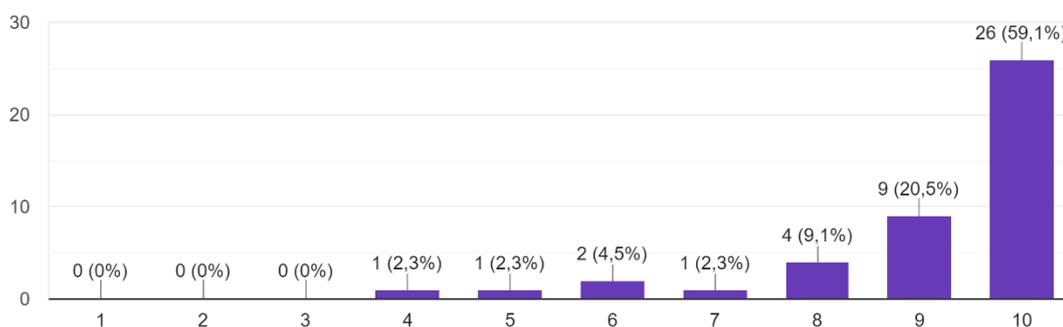


Figura 10 - Gráfico 02 – Avaliações do trabalho realizado durante o primeiro bimestre.

- Gostei bastante das atividades pq ao invés de ensinar o que a arte é nós alunos tivemos como se sentir em uma sala mesmo tipo como se tivesse na escola, gostei muito desse 1 bimestre e ensinou como a arte é importante nas nossas vida. (Aluno A)

- Uma coisa que eu não gostei é que a gente tá desenhando demais. (Aluno B)

- Gosto muito do trabalho do professor e queria que ele explicasse melhor. (Aluno C)

- Eu gostei de todas as atividades de artes mas não gosto de quando passa uma tarefa e eu não consigo realizar ela. (Aluno D)

- Quero que tenha mais explicações, não tava entendendo quase nada. (Anônimo)

O primeiro bimestre encerrou-se de uma forma muito positiva, uma vez que os alunos relataram gostar das aulas desenvolvidas durante aqueles primeiros meses de adaptação. Eu percebia que apesar do acesso limitado, os alunos que participavam das atividades mostravam que era possível aumentar a complexidade dos trabalhos desenvolvidos. A maior reclamação que recebíamos naquele momento era a necessidade de mais explicações sobre os conteúdos e de uma atenção individualizada a cada integrante do grupo.

2º Bimestre: Estudar através da câmera



Figura 11 - Chamada para as aulas ao vivo a partir do segundo bimestre, feita à mão. A imagem era também um hyperlink para o espaço na plataforma *Spatial.chat*.

Chat espacial

No segundo bimestre iniciei os encontros síncronos disponíveis para os alunos das 4 turmas de artes, duas do 8º ano e outras duas do 9º. Escolhi a plataforma gratuita *Spatial.chat* como lugar para desenvolvimento dos trabalhos uma vez que ela propõe o desenvolvimento de um espaço virtual em que os participantes são representados por um círculo-avator com a imagem da câmera ao vivo ou uma foto enviada e os participantes podem se movimentar pela sala, ouvindo somente as pessoas que estejam próximas. Há ainda a funcionalidade de megafone, quando busca-se ser ouvido por todos na sala. Eventualmente, o megafone tornou-se uma das regras estabelecidas para as comunicações com toda a turma.

A plataforma *Spatial.chat* oferece essas e outras diversas funcionalidades, seguindo um caminho diverso entre as tendências do modo de webconferência (com todos os vídeos dos participantes exibidos em uma grade retangular) que oferecem as plataformas como o *Google Meet* ou *Zoom*. Estar, mover-se, encontrar-se, fazer

atividades, brincadeiras e dinâmicas foi tornado possível em uma experiência distinta e altamente colaborativa. É possível abrir uma sala de palestras com um falante destacado, mas esta funcionalidade exigia muita capacidade de processamento dos aparelhos dos usuários, e foi descartada.

Para Cerrato e Rodriguez (2002) o desafio dos sistemas de computador vai além de ser capaz de oferecer um espaço colaborativo compartilhado, mas também de promover trocas entre os coautores, que devem se perceber como coautores. A presença *online* se dá quando fica estabelecido entre os participantes o acordo de que estão todos no mesmo lugar. A partir daí, percebem-se mutuamente, influenciando o andamento da aula. A plataforma cria uma sensação de estar em um lugar com outras pessoas, diferentes das redes sociais, que apesar de muito rápidas, sempre representam coisas que já aconteceram.

Para que fosse estabelecida a presença na sala realizei algumas dinâmicas e jogos de quebra-gelo e interação, requerendo adaptações para serem desenvolvidas no *Spatial.chat*. Eu escolhi realizar alguns jogos como uma forma de ensinar a utilização da plataforma e a experimentação em estabelecer uma presença no espaço virtual ao mesmo tempo em que se aprende as possibilidades de mover o avatar em uma experiência imersiva.

Observou-se nos participantes um processo de descoberta da utilização da plataforma como que aprendendo aos poucos o funcionamento de um mundo novo, e ficavam logo confortáveis. Borges (2017) observou que exercícios de preparação corporal podem desenvolver uma percepção aguçada do corpo, criando estados de dilatação, presença e atenção e Spolin (2017) destaca que que é a partir da confrontação do eu com o outro que vai sendo percebida a consciência de si.

Estar presente e consciente da própria presença é essencial para o bom andamento de qualquer aula. Freire (1996) observa que a presença carrega diversos atributos e “pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz, mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe.” (FREIRE, 1996, p20). Havia a necessidade de mostrar que havia um ser humano por trás da plataforma, que aquela não seria uma interação vazia com um sistema *online* automatizado, mas com o professor e os colegas, sendo necessário o monitoramento e manipulação do avatar. Os jogos aplicados foram os seguintes:

“Abrir a Roda”: todos os alunos são chamados ao centro da sala e, em seguida, instruídos a se afastar na direção das bordas da sala formando um círculo de participantes.

Para ajudar a ilustrar, é como se os participantes estivessem em um relógio, bem no centro e se deslocassem em direção aos números que marcam as horas.

“Telefone sem fio”: seguido da formação de um grande círculo, um participante é escolhido para transmitir uma mensagem aos colegas. A dinâmica da brincadeira é a mesma da tradicional, com cada aluno repetindo a mensagem escutada ao colega seguinte. Para a plataforma *Spatial.Chat*, a adaptação necessária é que o jogador vai até o próximo colega e toma o seu lugar. O jogador agora sem lugar deve fazer o mesmo e transmitir a mensagem, até que todos tenham participado. Utilizando a função megafone o último aluno pode transmitir para todos a mensagem.

Coelhinho sai da toca: Esse é um jogo para poucos jogadores. O espaço é demarcado para cada participante menos um, que fica sem lugar. O jogador sem lugar deve percorrer o espaço de jogo e o seu objetivo é tomar o lugar dos outros jogadores, que devem mudar de lugar tão logo o jogador sem lugar grite “Coelhinho sai da toca!”.

Os jogos ajudavam na retenção da atenção dos alunos que se viam participantes ativos daquelas atividades, não ficando passivamente esperando que eu desse algum comando ou explicasse alguma coisa. A partir daí, quando era o momento de alguma explicação, os alunos estavam mais presentes, como a atenção de espectadores em um espetáculo de teatro. Boal (2014) ressalta que

Quando, momentaneamente, suspendemos nossa necessidade de ação – como quando nos tornamos espectadores em um teatro ou qualquer outro evento –, transportamos para a área da nossa atenção – o palco ou outro lugar – toda essa energia criadora, dinâmica, e criamos assim o “espaço estético”. (BOAL, 2014, p.172),

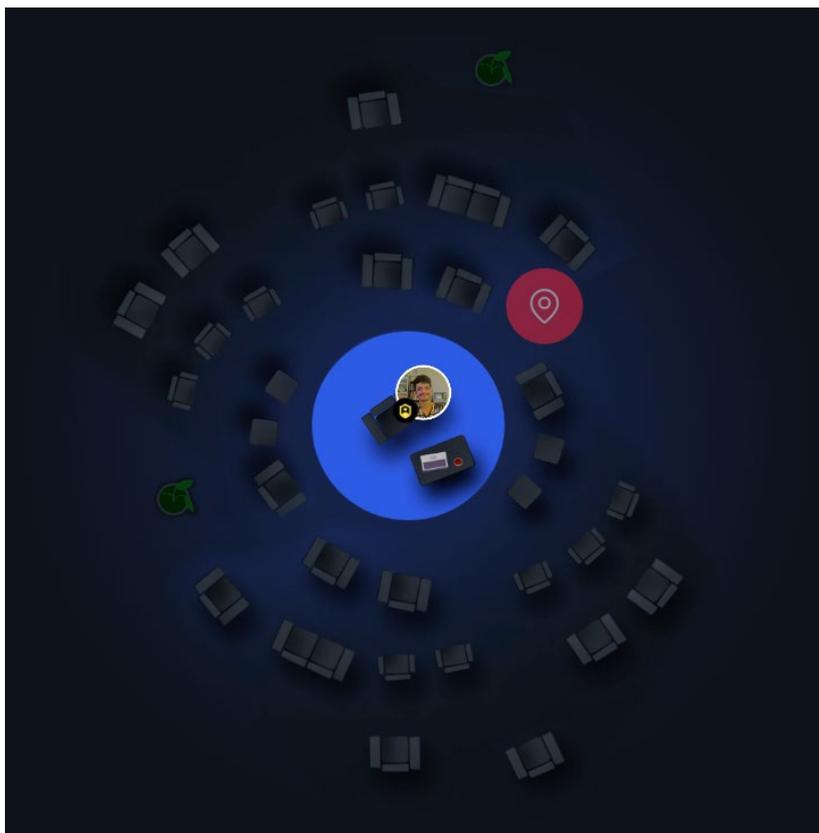


Figura 12 - *Aguardando a chegada dos alunos, a imagem superior de um sofá centralizado e cercado de poltronas menores para serem ocupadas. Um círculo com uma foto do professor centralizada.*

O maior problema foi justamente a falta de alunos, pois na primeira semana, ninguém apareceu, mas mesmo assim gravei a aula para disponibilizar na plataforma *Youeduc*, que se transformava em hub de distribuição de conteúdos, centralizando as diversas páginas em um só lugar. Na segunda aula, apenas um aluno. Naquele dia, lembro-me da frustração de não conseguir utilizar as funcionalidades da *spatial.chat* uma vez que eu esperava a presença de mais alunos.

Olá, todo mundo! Hoje eu tinha planejado uma atividade, uma dinâmica pra gente brincar aqui nessa plataforma, mas só veio o Davi! Então, vamos lá, gente! Cadê vocês aqui nessa plataforma pra gente poder se ver, se encontrar. [...] A gente pode muito mais com a presença ao vivo. Estejam aqui pra que a gente possa fazer isso aqui [a sala de aula na plataforma *Spatial.Chat*] funcionar de forma mais massa [sic]. (gravação da aula online, 10/05/2021)

Como eu recebia as atividades por fotos dos cadernos dos alunos, percebi que os alunos já estavam utilizando a câmera do celular e entendi a oportunidade de experimentar o ensino de fotografia, não utilizando os fóruns e priorizando a aula síncrona, que seria disponibilizada após o encontro online.

Fotografia

Ao ver, fazemos um grande número de coisas: vivenciamos o que está acontecendo de maneira direta, descobrimos algo que nunca havíamos percebido, talvez nem mesmo visto, conscientizamos-nos, através de uma série de experiências visuais, de algo que acabamos por reconhecer e saber, e percebemos o desenvolvimento de transformações através da observação paciente. Tanto a palavra quanto o processo da visão passaram a ter implicações muito mais amplas. Ver passou a significar compreender, [...] uma compreensão muito mais profunda dessa mesma coisa do que se apenas tivesse ouvido falar dela. (DONDIS, 1997, P. 13)

Por estar relacionada ao modo como o fotógrafo percebe o ambiente, a fotografia funciona como dispositivo de visualização de uma determinada realidade, permitindo que vejamos o mundo como veríamos se fôssemos aquela pessoa. Uma experiência imersiva potencializadora do movimento de se colocar no lugar do outro.

Na segunda aula do bimestre, os alunos foram provocados a fotografar formas do seu cotidiano (quadrado, triângulo e círculo). Naquele momento, era esperado que as fotos enviadas seguissem um direcionamento, dando um propósito para o ato de fotografar. Por mais simples que seja apertar um botão, é o direcionamento do olhar que é feito pelo operador que seleciona a porção da realidade fotografada. Selecionei ainda, fotos que eu mesmo havia feito do bairro onde moro, para demonstrar a busca por formas e exemplificar o que era esperado dos alunos, impulsionando o processo de alfabetização visual, quando “expandir nossa capacidade de ver significa expandir nossa capacidade de entender uma mensagem visual, e, o que é ainda mais importante, de criar uma mensagem visual.” (DONDIS, 1997, p. 13). Compreendendo que cada pessoa vê um mundo diferente e a pluralidade de pessoas reflete a pluralidade de pontos de vista, a fotografia passa a ser ponto de partida para o processo de alfabetização visual proposto por Dondis.

As habilidades selecionadas para guiar o trabalho conduzido nesse momento foram EF15AR02 – “Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.)” (BRASIL, 2018, p 201) e EF69AR06 – “Desenvolver processos de criação em artes visuais, com base em temas ou interesses artísticos, de modo individual, coletivo e colaborativo, fazendo uso de materiais, instrumentos e recursos convencionais, alternativos e digitais.”. (BRASIL, 2018, p. 201)

Para esta semana:
Você precisa me enviar
3 fotos que mostrem formas.

>>>>Você não pode baixar da internet!<<<<

Você mesmo deve fotografar as formas que vê aí perto de
você! Procure atentamente!

Use a câmera do celular! 😊

Exemplos de Fotos no Valparaíso 1:



(A atividade será marcada como concluída quando eu der uma nota)

Figura 13- Atividade provocando os alunos a fotografar formas. Em seguida, fotos na vizinhança para exemplificar a utilização da técnica.



Da semana passada:

Obrigado a todes que participaram!
É importante para pôr em prática o que aprendemos!

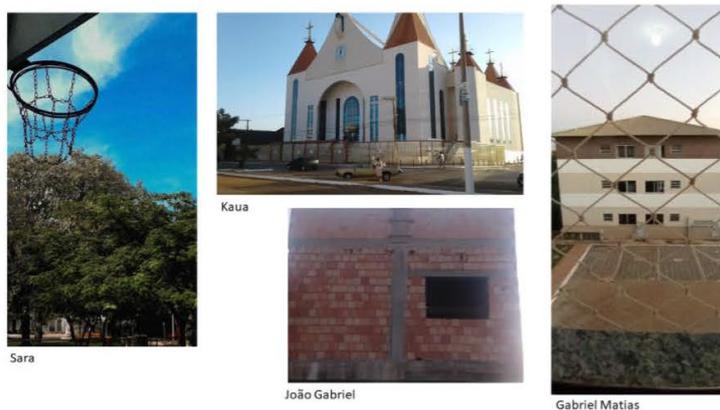


Figura 14 - Produções dos alunos no exercício de procura de formas.

Os trabalhos apresentados na semana seguinte foram promissores, pois evidenciaram a capacidade dos alunos de aplicar os conceitos abordados na aula, que visava procurar formas. Naquele momento, era importante que os alunos utilizassem as câmeras dos seus celulares para fotografar de uma forma não tecnicista, mas mais experimental, como quem descobre uma ferramenta nova e resolve explorá-la. Na terceira aula, oito alunos apareceram, o que permitiu que fosse realizado um primeiro momento de conversas e o primeiro momento de interação e movimentação: formar duplas e conversar sobre fotografia.



Figura 15 - Interface da plataforma Spatial.Chat, em que cada participante é um círculo com sua imagem e que pode se mover pelo espaço por arrastar e soltar. Como planetas, tinha a impressão que os alunos me orbitavam, o que evidenciou a adequação do nome da plataforma: Chat espacial.

Por seu lado estético e sensível, a fotografia torna-se uma prática humana capaz de transformar a representação do que vemos em memória acessível. É ter consciência de segurar um aparelho capaz de “registrar” as luzes (e cores e formas e sombras dela provenientes), representando as experiências vividas. Passa-se a entender a Fotografia não só como um registro visual, mas detentora de uma capacidade de expressar “uma elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido” (MAUAD, 1996, p. 03).

Iniciávamos todas as aulas com o compartilhamento das impressões das atividades e o momento de recapitulação do trabalho da semana. Como era necessário considerar os alunos que não estavam presentes na aula síncrona, eu disponibilizava a gravação apenas do bloco de explicação da aula na página, pois compreendi que um vídeo de muito mais de 15 minutos teria poucas visualizações. Entendi que o mais eficaz para os alunos que na maioria das vezes não tinha tempo para estar de fato online era iniciar a gravação toda vez que eu iniciava uma explicação e, geralmente surgiam dúvidas, que eram compartilhadas com os colegas do momento assíncrono.

Os participantes que apareciam na sala eram, para mim, representantes de um grupo maior. As instruções dadas aos alunos consideravam todo o grupo de alunos que a disciplina tinha matriculados: havia aqueles que participavam nos fóruns assíncronos e

entregavam as tarefas, mas não participavam das aulas síncronas, ao vivo. Alguns às vezes faziam aparições. Não reparei mudança significativa nas produções entre os dois grupos, ambos apresentavam os trabalhos.

Na semana seguinte, decidi falar sobre a história da fotografia, uma vez que era necessário mostrar para os alunos a evolução da técnica fotográfica, cuja origem remonta ao período do Renascimento, que caracterizou uma profunda mudança nas representações artísticas.

Desde seus primeiros anos as fotografias nos transportam através das imagens sem a necessidade de movimentação. Era o desejo de mostrar o que há para ser visto no mundo que impulsionava a fotografia e o prazer de observá-las “provém da experiência do simulacro, esta aparência de realidade cujo efeito de real não pode ser verificado por qualquer deslocamento físico real da cena”. (KRAUSS, 1991, p 46).

Machado (2015) indica que as origens da fotografia remontam ao Renascimento, quando se utilizava a câmara escura para projetar a imagem do mundo visível sobre uma superfície plana que funcionava como guia para o artista que fixava a imagem utilizando pincel e pigmentos. O pesquisador indica ainda que é nesse período que começam a surgir as experimentações de perspectiva e projeções geométricas de forma a representar a tridimensionalidade em planos bidimensionais com a utilização e aprimoramento de objetivas já no século XVI.

Autor da considerada uma das primeiras imagens fotográficas do mundo, (Vista da janela em Le Gras, 1826), o cientista e inventor francês Nicéphore Niépce (1765-1833) produziu uma imagem fixa em uma chapa de estanho revestida de betume da judeia, um material fotossensível que endurece quando exposto à luz por diversas horas utilizando uma câmara escura modificada. Esta geração de entusiastas enfrentou diversos desafios técnicos em um fazer essencialmente científico, experimental e artesanal, sendo necessário a capacidade de compreender, operar, modificar e melhorar o aparelho fotográfico, além de compreender e manusear materiais químicos necessários para “fixação fotoquímica dos sinais de luz.” (MACHADO, 2015, p. 38).

O trabalho de Niépce é continuado por Louis Daguerre (1787-1851) que em 1839 divulga o processo do Daguerreótipo, um aparelho capaz de gerar imagens utilizando uma fina camada de prata sensibilizada por vapores de iodo, gerando uma superfície espelhada fotossensível. Esse processo foi o primeiro a ser comercializado e utilizado amplamente. Gillespie (2016) aponta que já em 1851, nos Estados Unidos, o aparelho se popularizou e estabeleceu a profissão de *daguerreotipista*, com a organização e associações

trabalhistas dos primeiros profissionais da fotografia daquele país. Os retratos dominavam o tema daqueles trabalhos.

Krauss (1991) observa que os fotógrafos dos anos 1860 vendiam pequenas fotografias de viagens, chamadas de vistas, contendo principalmente paisagens vistas por alguém, como as pirâmides no Egito ou a Floresta Amazônica, em um desejo de mostrar o que há pelo mundo. É sabido que essas imagens costumavam se acumular nas escrivaninhas em residências mais abastadas.

Com a popularização e miniaturização e inclusão dos aparelhos fotográficos em telefones portáteis, passamos a registrar tudo, porque na experiência humana, tudo é importante. E as câmeras estão nas nossas mãos. Barbosa (2016), ressalta que a fotografia “utilizada como potência narrativa traz em si a complexidade da citação (ou evocação) de uma experiência (humana) [...] Uma leitura de outra ordem que não a histórica que busca fatos, verdades, mas que busca o humano” (BARBOSA,2016, p 202). Nesse momento em que se vive uma explosão de imagens pessoais compartilhadas a todo momento em redes sociais, a fotografia torna-se importante meio expressivo dos anos 2020 e entender suas origens é crucial.

Para compreender a relação da fotografia com a observação da luz e o observador, a atividade da semana seguinte passou a ser observar a luz mudar, com os alunos buscando fotografar o mesmo local em três momentos do dia. Neste exercício, é importante observar como as diferentes condições de luz revelam elementos diferentes do mesmo lugar.



Lenyon, 9A.

Gabriel 8B



Figura 16 - Produções de alunos para o exercício de observação da luz.

Foi interessante levar os participantes a refletir os próprios trabalhos desenvolvidos, pois percebi que colocar os participantes para falar e refletir sobre as suas produções foi mais eficaz do que eu previa. Várias falas ecoavam na boca de diferentes alunos e percebi que criar estímulos no começo, pela fala direcionada, tendem a se repetir e reverberar até o final do encontro. Bell Hooks (2013) defendeu que “uma das responsabilidades do professor é criar um ambiente onde os alunos aprendam que, além de falar, é importante ouvir os outros com respeito” (HOOKS, 2013, p. 201), entendendo aqui que ouvir agrega também ver as fotos dos colegas. Um comentário de uma aluna em uma aula chamou atenção pois ela demonstrou perceber que seu olhar vinha sendo direcionado pelas mídias:

Eu achei interessante porque pra gente tirar essas fotos a gente tem que observar as coisas ao nosso redor, né? E muitas vezes a gente fica só vidrado na televisão, no celular e a gente não observa.

Aluna do 9 ano.

As duas aulas seguintes, uma sobre tom e outra sobre cor, abordavam as propriedades da luz e a capacidade humana de percebê-la, entendendo que não se pode falar de fotografia sem falar da percepção da luz. A fotografia é muito mais que somente registrar a luz; é a transmissão extracorporal da sensação física que é ver, estética em sua essência e representando “uma abertura constante ao mundo e nos liga de modo imediato ao acontecer em torno de nós.” (OSTROWER, 2014, p.12).



Figura 17 - Produções dos alunos para o exercício sobre tom. Os alunos enviaram selfies em preto e branco e a imagem resultante mostrava em círculo, todos os participantes que enviaram suas atividades. A escolha da disposição circular evidencia a unidade dos alunos que compunham as atividades online, ao mesmo tempo que representa o ponto, que segundo DONDIS (1997) é a unidade básica da comunicação visual.

Ver uma foto é ver o que viu alguém em algum outro lugar. É muito mais que só mostrar algo. É ver pelos olhos do outro através da imagem, através da câmera, através dos olhos a realidade do outro. Para Kossoy (2016), a realidade da fotografia é uma segunda realidade, “construída, codificada, sedutora em sua montagem, em sua estética, de forma alguma ingênua, inocente, mas que é, todavia, o elo material do tempo e do espaço representado, pista decisiva para desvendarmos o passado.” (KOSSOY, 2016, p. 24). Na escola remota, ver as fotografias dos alunos ia ajudando a construir uma imagem mental de quem eles eram, onde viviam e o que faziam. Mauad (1996) ressalta que

entre o sujeito que olha e a imagem que elabora há muito mais que os olhos podem ver. A fotografia - para além da sua gênese automática, ultrapassando a ideia de analogon da realidade - é uma elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido, ou ainda, uma leitura do real realizada mediante o recurso a uma série de regras que envolve, inclusive, o controle de um determinado saber de ordem técnica. (MAUAD, 1996, p.3)

A fotografia é muito mais que somente registrar a luz; é a transmissão extracorporal da sensação física de ver, estética em sua essência uma vez que “a sensibilidade é uma porta de entrada das sensações. Representa uma abertura constante ao mundo e nos liga de modo imediato ao acontecer em torno de nós.” (OSTROWER, 2014, P12). As fotos nos levam ao passado, ao momento em que alguém apertou um botão apontado para algo que via (e ouvia e vibrava e respirava). É através das fotos que vemos como as pessoas percebem o mundo. É através das câmeras que transmitimos uma experiência humana de forma visual. Alguém esteve posicionado em determinado lugar de um dia que já passou. A finalização do bimestre se deu com um trabalho em que os alunos deveriam enviar três imagens escolhendo uma cor e buscando encontrá-la em imagens diferentes.

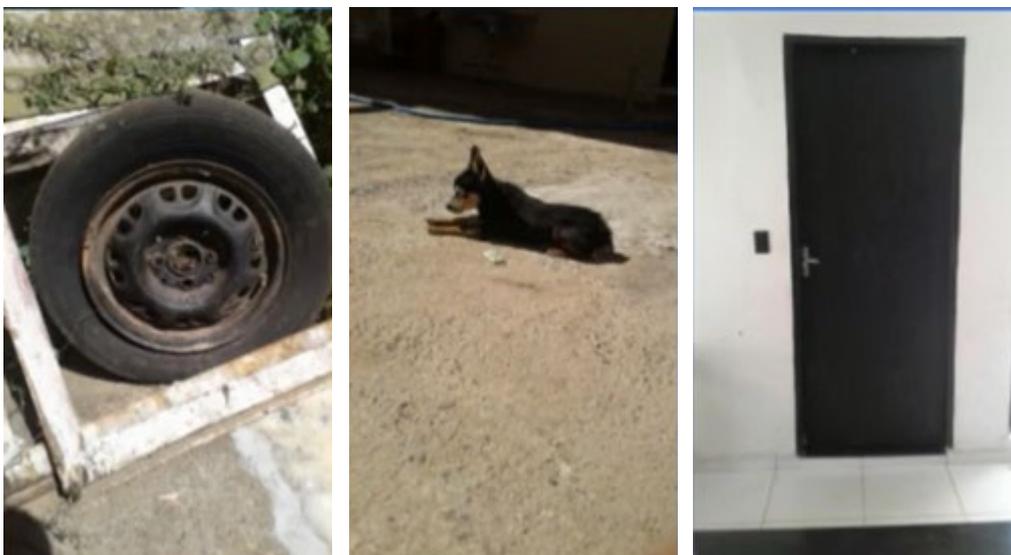


Figura 18 - Imagens enviadas por um aluno observando a cor preta para o trabalho final do segundo bimestre.

Apesar da evolução com os alunos ao falar de fotografia, na Escola Municipal Nelson Mandela, apenas 39% dos estudantes participavam das atividades síncronas ou assíncronas da disciplina Artes no segundo bimestre de 2021 na plataforma *Spatial.Chat*, rica em possibilidades, mas que exigia um bom aparelho e acesso à *internet* de qualidade. Ao final daquele bimestre, percebemos que a participação ao vivo e regular dos alunos

era mínima. O maior número que consegui reunir foi 17 alunos. Os relatos que recebíamos se aproximavam desse, recebido no formulário anônimo de avaliação do segundo bimestre:

Aqui em casa é um computador para cinco pessoas, por isso tive dificuldades na entrega de minhas atividades. [Resposta anônima.]

O Conselho Nacional de Educação, por meio do parecer N° 5 de 2020 atentou para essa questão em maio de 2020, dois meses após suspensão das aulas:

Há, ainda, que se observar a realidade das redes de ensino e os limites de acesso dos estabelecimentos de ensino e dos estudantes às diversas tecnologias disponíveis, sendo necessário considerar propostas inclusivas e que não reforcem ou aumentem a desigualdade de oportunidades educacionais. (CNE/CP N° 5/2020 p. 3)

Assim, decidi encerrar as aulas síncronas, por perceber que naquele momento era necessário engajar uma quantidade maior de alunos e, após as férias de Julho, iniciei um processo de conversa assíncrona com os alunos, expandindo minha exposição em vídeos de até 15 minutos sobre os temas das aulas. O terceiro bimestre se torna muito mais parecido com o primeiro, mas o contato com os alunos de forma síncrona no segundo bimestre permitiu criar um vínculo com eles através da câmera pois percebi que os momentos de atenção que me eram dados ao vivo, também poderiam ser me dados em momentos gravados.

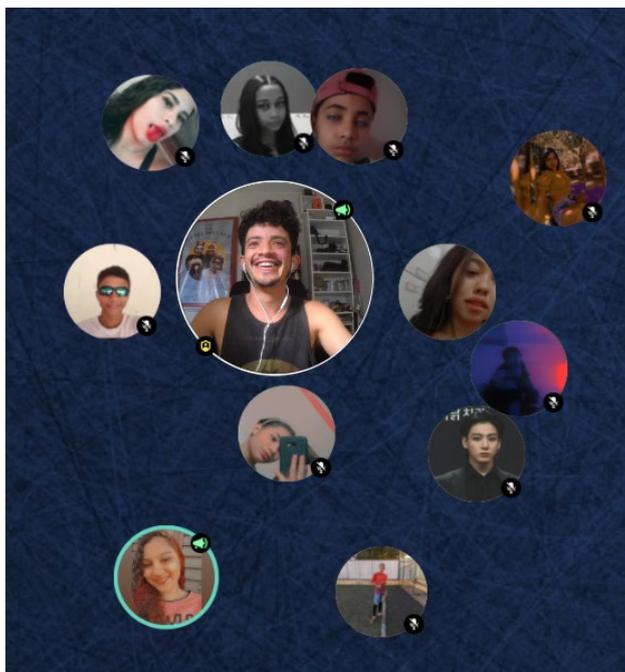


Figura 19- Em uma selfie da turma, resalto que era pouco comum os alunos não ligarem as suas câmeras, mas eram encorajados a escolher uma foto para representá-los.

3º Bimestre - Ativar

Em agosto de 2021 havia várias dúvidas sobre o processo de retorno às escolas de forma híbrida, mas não sabíamos como seria esse processo e nem se as medidas de segurança sanitária seriam eficazes (o processo de retorno às aulas híbridas se deu a partir do final de setembro de 2021) A decisão de encerrar os encontros *online* de forma síncrona veio também da necessidade de permitir que todos os alunos pudessem ter acesso aos mesmos conteúdos, no tempo de cada um, que deveriam contribuir com um comentário escrito no fórum, a partir do direcionamento dentro do vídeo. Além disso, esse bimestre seria marcado pelas incertezas e medo relacionados ao retorno presencial.

O Fórum foi a principal ferramenta utilizada da plataforma *Moodle Youeduc*. Ele permite que os participantes do curso criem entradas de texto em discussões com facilidade, sendo permitida a inclusão de imagens ou outros recursos externos (que não observadas nas participações). Os alunos podem responder entre si, mas essas interações também foram pouco observadas no período estudado.

Com a intenção de eliminar a necessidade de edição e pós-produção dos videos, cada aula era gravada de uma só vez, a partir da câmera do computador. Utilizei a ferramenta online *Video Recorder App* que grava e disponibiliza o *download* do arquivo de vídeo, que pode ser enviado diretamente para o *Youtube*.



Artes - 09 de Agosto

Figura 20 - Captura da tela 01 - Primeiro vídeo gravado para a aula de artes do terceiro bimestre. Compartilho com os alunos a obra "Tempo", 2020, de minha autoria para exemplificar que as obras merecem ser exibidas em um lugar destinado à arte.

No primeiro vídeo realizado – ou na primeira aula – trouxe uma obra de minha autoria. “Tempo, 2020” consiste de um pote de vidro contendo uma flor seca e um cristal de quartzo de milhões de anos, colocados lado a lado. Esse foi o gancho para o engajamento do assunto, que é o que se encontra dentro dos museus. Propus uma visita *online* a quatro experiências de visita virtual em museus do mundo, com os alunos provocados a descrever a experiência no Fórum. A pergunta para a provocação era “Para que serve um museu?”

Observei nesses primeiros momentos que os alunos não viam os vídeos de forma integral respondendo a pergunta do fórum baseando-se somente no título da pergunta que o fórum trazia, geralmente uma resposta pesquisada na *internet* ou muito rápida e resumida. Para contornar essa situação, o título passou a chamar os alunos a assistirem o vídeo, que continha as instruções para responder, diferentemente dos outros bimestres que continham o bloco “Para esta semana”.



The figure displays three screenshots of forum posts, each with a title "RE: FÓRUM: PRA QUE SERVE UM MUSEU?".

- The first post is by LUIS FERNANDO OLIVEIRA FIGUEIREDO, dated August 9, 2021, at 12:17. The text reads: "Local dedicado a expor objetos de valor artístico e histórico".
- The second post is by KAUÁ TEIXEIRA CRUZ, dated August 10, 2021, at 08:28. The text reads: "Na minha opinião Os museus são importantes instrumentos de preservação da memória cultural de um povo, e responsáveis por seu patrimônio material ou imaterial. No início, sua finalidade era apenas de salvaguardar e não de disseminar as informações culturais."
- The third post is by MILENA SOUZA DO ROSARIO, dated August 9, 2021, at 17:10. The text reads: "são importantes para preservar memórias culturais, guardar e expor coisas antigas como obras e historias".

Each post includes a "Link direto" and "Mostrar principal" button, along with "Editar", "Excluir", and "Responder" options.

Figura 21- Participações dos alunos que evidenciava a não-visualização do vídeo criado para aula, que pedia um relato da visita em realidade virtual de 1 dos 4 museus apresentados.



Figura 22 - Participação dos alunos que de sabiam o que foi perguntado no fórum, respondendo corretamente.

Das 18 participações deste fórum em uma das turmas, apenas 2 respostas haviam sido de acordo com o vídeo postado na aula (Figura 18).



Aula de Artes - 16 de Agosto

Figura 23 -Captura de tela da segunda aula de agosto. Mostro a obra “A fonte” de Marcel Duchamp, 1917, que questionou em sua época, a função dos museus.

Entendendo que a pesquisa nos mecanismos de busca faz parte do processo de busca por informações, percebi que era necessário especificar aos alunos o que era esperado que eles respondessem nos fóruns:

Não necessariamente eu preciso que vcs falem algo que seja “certo”, sabe? Algo que seja uma coisa definida e certinha. Eu

acho que o mais importante aqui comigo é que você dêem sua opinião e o melhor de si e responder o que está sendo perguntado. [...] A partir de agora, nas minhas aulas e tarefas, vou sempre pedir: qual a sua opinião? Baseado em seus conhecimentos, no que você entende do mundo a resposta para determinada pergunta. [...] o mais importante é misturar as coisas na cabeça [as pesquisas realizadas] e mandar as respostas no fórum o que você entende do assunto. Eu gostaria de entender a sua opinião e o que você acha das coisas. (16/08, online)

Dessa forma, a provocação seguinte foi justamente propor uma conexão com o momento nacional, quando as escolas começavam a se preparar ao retorno presencial na forma híbrida e o trabalho da escola mudaria novamente. E aqui eu vi a participação real dos alunos. Uma vez que conversávamos sobre museus, como seria um museu sobre a pandemia? Assim, os alunos foram provocados a descrever como seria um museu da COVID-19 e quais elementos haveria em seu interior. Algumas respostas mostraram a compreensão da capacidade da arte, e os museus, de evocar experiências vividas naquele momento e a capacidade de combinar elementos para produzir significado:

 **RE: FÓRUM: ASSISTA AO VÍDEO PARA SABER COMO RESPONDER**
por MARIA CARLA CAMPELO DE AQUINO 123780328037 - quarta, 18 ago 2021, 18:50

No meu depois que passar essa epidemia do corona - vírus , uma coisa que deve ser guardada em museu e a mascara o acool em gel ,acredito que o uso da mascara e do acool vao ser lembrado para o resto das nossas vida , e tanto o uso da mascara com o álcool em gel formam uma das formas primordial no combate ao corona vírus por deve ser guardada em museu para que seus visitantes lembrem de suas importância

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Excluir](#) [Responder](#)

 **RE: FÓRUM: ASSISTA AO VÍDEO PARA SABER COMO RESPONDER**
por DHIOVANA MOTA PASSOS 201911110190 - quinta, 19 ago 2021, 16:41

Retratos de máscaras descartáveis deveriam entrar para os museus futuramente, para representar esse momento triste que passamos, de sufoco, dor, perdas...Para que gerações futuras possam entender o quão delicado foi esse período de pandemia do Corona Vírus.

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Excluir](#) [Responder](#)

RE: FÓRUM: ASSISTA AO VÍDEO PARA SABER COMO RESPONDER
por RAYSSA LUARA NERES COSTA 201911110174 - segunda, 16 ago 2021, 12:06

Na minha opinião eu acho que podia até colocar uma máscara, imagens de pessoas na rua com distanciamento e máscara, fotos de vacinas e etc pra ajudar saber o que usamos aqui hoje em dia

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Excluir](#) [Responder](#)

Figura 24 - Participação nos últimos fóruns antes das preparações de retorno à escola de forma híbrida.

No encerramento do terceiro e último vídeo do ciclo de provocações sobre arte e museus, direciono o olhar dos alunos à origem das escolhas que levam as coisas a serem como elas são.

Em um museu vamos encontrar a expressão de alguém que experimentou alguma coisa, que trabalhou e que quer mostrar. Que quer compartilhar. É um lugar onde podemos aprender muito, a gente vai descobrindo. E quanto mais a gente descobre, mais a gente vai descobrindo. [...] arte é sobre nós, sobre a pessoa que fez. Nessa semana vocês não vão ter uma tarefa, mas eu gostaria que vocês observassem mais as coisas que estão à sua volta, porque tudo o que está na nossa vida envolve um pouco de arte, design, gente que estudou aquilo para estar daquele jeito. Observe mais as coisas à sua volta. Observe como as coisas são construídas. Será que tudo é arte? Ou não? Ou será que só algumas coisas podem ser arte? Vamos pensar sobre isso, vamos ver onde vocês conseguem encontrar arte. E se você quiser comentar alguma coisa, vou deixar o fórum aberto e você comenta se você estiver afim. Hoje a participação é opcional. Um abração, pessoal! (Aula do dia 23/08/2021. Gravação)

RE: FÓRUM PARA COMENTÁRIOS
por GABRIEL MATIAS DE OLIVEIRA 124291839862 - terça, 24 ago 2021, 16:09

Gosto das aulas do professor cesa porque ele nos mostra o que e art de verdade

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Excluir](#) [Responder](#)

RE: FÓRUM PARA COMENTÁRIOS
por MARIA EDUARDA DE MENESES PIRES 123161562827 - quarta, 15 set 2021, 17:47

Professor amo suas aulas vc ensina muito bem♡

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Excluir](#) [Responder](#)

Figura 25 - Alguns comentários de feedback no fórum opcional.

Foi importante receber retornos positivos em todos os bimestres, pois demonstrava que a conexão que eu buscava com os alunos estava acontecendo e que eles sentiam que havia um ambiente de construção do conhecimento em movimento através de uma plataforma *online* de aprendizado.

Em seguida, foi necessário iniciar as atividades em preparação para o retorno presencial iminente.. Os estudantes foram convidados a conversar e compartilhar vivências e experiências relativas ao período de distanciamento social e quarentena devido à pandemia da COVID-19, e fui, juntamente com a orientadora da escola, Monica Tatiana Silva, idealizador e anfitrião do projeto “Pandemia: o que aprendemos”. Buscamos preparar os nossos alunos para o processo de retorno ao espaço físico da escola que aconteceria no quarto bimestre e exigiria ainda máscaras, álcool em gel e distanciamento social.

Tendo como fonte o “Manual sobre biossegurança para reabertura de escolas no contexto da COVID-19” da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, de 2020, organizamos um evento online, com palestras de biossegurança e rodas de conversa para alunos dos dois turnos e contou com a presença de alunos, pais, professores e gestores da escola. As rodas de conversa buscavam reunir novamente os alunos e criar um espaço de acolhimento e compartilhamento entre os jovens e a comunidade escolar, refletindo sobre os aprendizados durante a pandemia. O evento foi um sucesso.

Em seguida, no final de setembro de 2021, as aulas remotas foram interrompidas e deu-se o retorno das aulas na modalidade híbrida (com as turmas divididas pela metade revezando entre *online* e presencial) e passando para totalmente presencial em março de 2022. Em nossa escola, observou-se o rápido abandono das ferramentas da internet utilizadas durante a pandemia.

Através da Câmera: Uma proposta pedagógica

Finalmente gostaria de apresentar uma breve proposta, fruto do estudo da bibliografia e da experiência trabalhada em sala de aula para os professores que desejam trabalhar com fotografia em sala de aula.

Primeiro ponto, vocês não precisam ser necessariamente fotógrafos, mas grandes interessados na observação do mundo onde estamos inseridos. Vive-se nos anos 2020 onde grande parte das pessoas carrega consigo um *smartphone*, que é um computador pessoal capaz de realizar diversas tarefas, incluindo a fotografia. Em paralelo, é

importante lembrar que nós convivemos com imagens fotográficas de modo incessante em nosso cotidiano.

Dessa forma, “Através da Câmera” é uma oficina que proporciona aos participantes a possibilidade de explorar e/ou buscar um estilo de fotografia autoral, partindo dos registros do cotidiano, da observação do espaço, sua ocupação e iluminação, despertando a consciência da visualidade e conectando os participantes em suas diferentes realidades. Quando desenvolvida dentro do ambiente escolar, pode alterar a forma como os alunos interagem com o espaço da escola, de casa e o bairro.

Eixo 1 - O primeiro momento deve ser capaz de encantar os alunos, trazendo a consciência da visão, mas permitindo que os participantes se percebam no espaço de uma maneira diferente daquela que estamos acostumados a ver. O ato de fotografar pode passar a ser visto como um produto de alta tecnologia e uma oportunidade ímpar de se registrar o que é visto, além de permitir que seja valorizado o trabalho da pintura em representar o mundo.

Eixo 2 – Apresentação de fotografias pessoais e roda de conversa sobre fotografia. Há várias formas de apresentar a mágica da fotografia. Pode-se fazer uma retrospectiva de si, fazendo uma seleção de fotos que remontam a história e trajetória pessoal. Pode-se falar sobre a dificuldade em encontrar um jeito de fixar a imagem e citar técnicas de experimentação em fotografia, o que vai demandar o estudo do professor de uma bibliografia especializada.

Para que se compreenda a evolução histórica da prática fotográfica, o livro “*Breve História da Fotografia: um guia de bolso dos principais gêneros, obras, temas e técnicas*”, de Ian Haydn Smith e tradução de Edson Furmankewicz, publicado pela Gustavo Gili em 2018. O livro apresenta centenas de imagens e referências de fotógrafos que remontam o desenvolvimento da fotografia desde a considerada primeira foto em 1826.

Recomendo também o livro “*Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*” de Boris Kossoy e publicado pelo Ateliê Editorial em 2016. O autor destrincha o signo fotográfico de forma a compreender a suas relações com a cultura de imagens que se criou no mundo com o invento da fotografia. Além disso, o autor se dedica a entender os usos da imagem fotográfica, incluindo um estudo sobre a construção internacional da imagem externa brasileira.

Como atividade a ser realizada pode-se vender os alunos e deixá-los privados da visão ao explorar o espaço da escola, ou comparar o tempo que um pintor leva para pintar um quadro com o instante efêmero da foto. Até mesmo uma conversa sobre a relação dos participantes com a fotografia já poderia despertar descobertas quanto à utilização da linguagem.

Eixo 3 – Ampliando os conhecimentos e praticando a fotografia. É necessário pensar que os alunos são provocados a produzir a cada aula, tendo suas produções visualizadas por toda a turma, coletivamente. Dessa forma, é necessário que o professor conduzindo os exercícios, mantenha uma rotina de salvar as imagens recebidas.

Cada aula pode ter um compilado de fotos para serem vistas. Caso haja disponibilidade, em uma televisão, projetor ou até mesmo a impressão das fotos ao final de cada encontro. É um processo de criação guiado de forma gentil: as produções dos próprios alunos vão aos poucos compondo uma imagem maior: a escola para além das paredes.

Em paralelo, o fornecimento de referências de grandes nomes da fotografia também é encorajado. Alguns nomes que podem fazer parte do programa do curso são Sebastião Salgado, Henri Cartier-Bresson, Vivian Maier e Annie Leibovitz ou qualquer outro fotógrafo de interesse do professor. Os estudantes podem fazer pesquisa sobre a vida e obra dos artistas citados, fruir e propor discussões a partir das fotos destes artistas. Nesses momentos podem ser apresentados conceitos de composição, harmonia e geometria, na forma de exercícios de observação como pequenos desafios fotográficos. Os desafios devem ser escolhidos pelo professor dependendo das turmas em que decidir realizar esse ciclo de atividades.

Eixo 4 – Criar a partir do aprofundamento do conhecimento sobre a imagem fotográfica. Pode-se pedir que os participantes busquem fotografar formas e linhas nos objetos do cotidiano ou o mesmo lugar em três horários diferentes do dia. Pode-se escolher uma cor e fotografar objetos nesta cor por alguns dias. Ou ainda fotografar o mesmo objeto por ângulos diferentes ou iluminá-lo com uma lanterna e fotografar as suas variações.

Os desafios podem ir aumentando em complexidade com os participantes sendo encorajados a escolher mais de uma foto para ser apresentada, levando-os não só observar a realidade e fotografá-la, mas também compor cenas e se colocar no espaço fotografado para criação de novos significados a partir da relação estabelecida entre as fotos selecionadas.

Eixo 5 – Modos de expor - É importante que se pense em uma forma de utilizar essas fotos para a criação de uma exposição ao final do ciclo de trabalho. Podendo ser feito através da criação de uma conta no Instagram ou impressão em tamanho A4 das fotos para serem coladas no espaço escolar ou em outro lugar. Pode-se ainda preparar uma revista virtual, a ser compartilhada com os alunos.

Esta sequência de atividades, a ser adaptada pelo professor de acordo com suas possibilidades, pode ampliar o contato e conhecimento sobre a fotografia em sala de aula, favorecendo o entendimento sobre uma forma de expressão artística importante no mundo contemporâneo.

Considerações finais

Por meio das atividades apresentadas acima, foi possível perceber que a sala de aula remota durante o período de distanciamento social foi definida principalmente pelo trabalho em construir um ambiente favorável à troca, valorizando as participações dos alunos e chamando-os à contribuição. A necessidade de se pensar a escola como um dos espaços em que o conhecimento se constrói se mostra extremamente necessária quando, interrompidas as atividades presenciais, nos perguntávamos qual seria a verdadeira função da escola. O esforço empreendido neste trabalho com a Disciplina Artes evidencia que os professores podem se beneficiar das ferramentas de comunicação para desenvolver seus cursos, utilizando-as como plataformas de sistematização de conteúdos e geração de engajamento.

Como cada pessoa vê, interpreta e descreve um mundo diferente, à sua maneira, a pluralidade de pessoas reflete a pluralidade de pontos de vista e dessa forma, diferentes formas de expressão e manifestações artístico-culturais passam a compor o leque do professor de artes, com cada grupo de estudantes demandando uma abordagem personalizada, além da flexibilidade nos desenhos dos cursos em andamento, pois a escola se faz em movimento, modificando-se para atender ao seu público. É possível notar nas participações dos alunos que apesar da grande quantidade de conteúdo disponibilizado, muitos recorriam a respostas rápidas e pesquisadas. Eram poucos os alunos que acompanhavam as aulas semanalmente.

Todos os dias eram “primeiros dias” porque sempre havia novos alunos, uma vez que as portas da escola precisavam estar sempre abertas. Os alunos já entendiam o funcionamento da plataforma e do trabalho e eram pacientes com os novos colegas que foram chegando ao longo do segundo bimestre. Sempre havia o momento de pedir para

que os alunos convidassem os colegas a participar das aulas síncronas. No entanto, a falta dos alunos nas atividades síncronas levou o trabalho para a modalidade assíncrona, que favoreceu o funcionamento da sensação de continuidade no trabalho desenvolvido e ampliava a participação no curso.

Na escola remota o espaço estético passou a ser o de “ver os outros” e, quem sabe, “não ser visto”. O período de isolamento que a escola viveu em decorrência da emergência sanitária desafiou os profissionais da educação ao exigir um desdobramento para chegar até os alunos, pois a relação entre professores e alunos era dificultada pelas tecnologias de informação e comunicação que os profissionais não sabiam usar. A sobrecarga de trabalho, ampliação da jornada e exigências sobre os professores cresceram rapidamente.

Enquanto as formações promovidas para professores falavam em conceitos como “gamificação”, eu ensinava colegas mais velhos que eu a baixar uma foto do Google; ou a “incorporar” vídeos do Youtube em suas páginas. É triste pensar que muitos nunca aprenderam como utilizar ou personalizar a plataforma contratada pela SME, que é rica em possibilidades, mas complexa.

Pensar em como os alunos iriam interagir com a aula era essencial, para que eles não respondessem de forma automatizada. Mas essa busca pela autonomia exige que as instruções e objetivos estejam bem claros. Essa característica pode ser observada pelos pedidos dos alunos para mais explicações, pois a ausência do elemento humano dando instruções dificultava a compreensão das atividades propostas.

O papel do professor de artes do ensino básico é o de conduzir, através de sua prática em sala de aula, o olhar do aluno na escola e para além do espaço escolar. Ao invés de ser um navio com rota pré-determinada, a escola é o farol cuja luz guia os navegantes na sua jornada pessoal onde cada estudante carrega sua própria lanterna. Mesmo que apontem para direções diversas, iluminando coisas inúmeras, ainda assim é uma jornada onde estão todos juntos e a direção é a mesma. Quando estes chegam ao litoral, a graduação torna-se o momento de traçar nova rota rumo a novos horizontes.

Freire (1996) chamou essa característica humana de estar sempre apto a encontrar novos horizontes de *inacabamento*. Aí está a diferença entre um curso EAD e a Escola Remota: enquanto o primeiro se apresenta pré-programado, como um percurso a ser percorrido, na escola pública vai-se descobrindo o caminho aos poucos. Ensinar arte a crianças, jovens e adultos é um processo muito mais que ensinar uma técnica ou outra. É propor ferramentas para percepção e fruição do mundo que vão além de registrar o que

se vê e mostrar, mas também de poder entrar no mundo do outro, renunciando ao seu próprio, temporariamente.

A ampla disponibilidade de ferramentas das plataformas utilizadas para desenvolvimento da sala de aula virtual e dos encontros online foi aliada na experimentação com a Abordagem Triangular uma vez que a disciplina Arte pode ser vista como um espaço de estesia, fruição, de adquirir conhecimentos e expressar-se, incentivando os alunos ao diálogo, à reflexão e à crítica, mesmo em modalidade remota.

Devemos, como professores, promover essas viagens ao mundo do outro como uma jornada de autoconhecimento e, como notou Freire (2013), nosso papel como educadores

“não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão do mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua situação no mundo, em que se constitui. (FREIRE, 2013. p. 124)

As fotos nos levam ao passado, no momento que alguém apertou um botão com a intenção de criar uma imagem. É através das fotos que vemos como os outros veem o mundo. É através das câmeras que transmitimos uma experiência humana de forma visual. A partir das fotos dos alunos, vai se percebendo o mundo um do outro, em um momento em que havia grande dificuldade de estar junto de outras pessoas. A fotografia em sala de aula se torna uma janela para experimentação das linguagens artísticas, como registro pessoal e forma de expressão visual, integrando elementos da sua vivência pessoal e da cultura local.

Imaginando uma ponte a ser cruzada, do lado de cá vive-se o presente, preocupado em apertar o botão no momento correto; do outro lado estão os olhares futuros para o resultado daquela ação – a fotografia conecta uma presença a um futuro observador; o rio é, então, tudo o que há, foi e passou até o momento de visualização da foto. Um universo de possibilidades, virtualmente infinito, mas o que se vê é o que se viu do outro lado, através da câmera, através dos olhos, ultrapassando a técnica e a qualidade. A fotografia é importante ferramenta para treino do olhar artístico e a fruição de arte, com os praticantes sendo provocados a reflexões críticas a partir das fotografias produzidas.

A BNCC apresenta um projeto de ensino fundamental focado em competências e habilidades, onde a dinâmica de simples transferência pela transferência de informação deixa de fazer sentido e a aula de artes passa a ser um local de entender as práticas

culturais e suas diferentes manifestações em processo de reconhecimento e lapidação do ser de forma individual e coletiva.

No entanto, realizar esse feito sem a presença dos indivíduos, pouca estrutura ou investimento, mostrou-se um desafio. A dificuldade de interação e baixo acesso a tecnologias de acesso à *internet* tornaram a escola remota e esvaziada. A delicada rede de relações que vai entrelaçando, todos os dias, as rotinas, os humores e as histórias e realidades de toda a comunidade escolar foi perdida e esse é o desafio da escola dos próximos anos: reconstruí-la.

Referências bibliográficas

- BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo, Editora Perspectiva S/A, 2014.
- BARBOSA, Andrea. Fotografia, narrativa e experiência. IN: BARBOSA, Andrea; CUNHA, Edgar Teodoro da; HIKIJI, Rose Satiko Gitirana; CAIUBY NOVAES, Sylvia. *A experiência da imagem na etnografia*. [S.l.: s.n.], 2016.
- BOAL, Augusto. *Jogos para atores e não atores*. 16ª edição. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2014
- BORGES, Diego Pereira. ATOR EM CENA - Notas sobre apropriações artísticas e pedagógicas a partir do trabalho de João Brites, o Teatro O Bando e seu Sistema de Formação para atores. 2016. 174 folhas. (Dissertação de Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Parecer Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica nº 05/2020. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da c UF: carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192>.
- CASTRO, L. F. P. O entorno de Brasília na perspectiva de uma relação centro-periferia - HUMANIDADES & TECNOLOGIA EM REVISTA (FINOM) - ISSN: 1809-1628. Ano XIII, vol. 15 Jan- Dez 2019
- CERRATO, T. RODRIGUEZ. Computer supported collaborative writing/cooperative systems design. IN: Studies of Computer Supported Collaborative Writing Implications for System Design.M Bray-formarino et al. (Orgs.) IOS Press, 2002. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=AtPrRVIKNEAC&pg=PA142&lpg=PA142&dq=spatial+chat+design+style&source=bl&ots=-IETIOhOcl&sig=ACfU3U0_aYhUmuOF7DKseswejJyq5vTWPA&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwiMte3s7bP8AhWfppUCHTvjBxkQ6AF6BAg1EAM#v=onepage&q=spatial%20chat%20design%20style&f=true>
- CURY, Marília X. Museus em transição. In: SISEM SP (ORG). *Museus: o que são, para que servem?*. Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. Coleção Museu Aberto. São Paulo, 2011.

DONDIS, A. Donis. *Sintaxe da Linguagem Visual*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 2ª ed. São Paulo. Martins Fontes, 1997

FORSTER. E. M. *The Machine Stops*. Tradução de Celso Braida. In. N.T. Revista Literária em Tradução – n. 1, Recurso eletrônico, Florianópolis, 2010. Disponível em <<http://www.notadotradutor.com/revista2.html>>

FREIRE. Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. {recurso eletrônico}. 1ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2013.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 18ª ed. São Paulo. Paz e Terra, 1996.

_____. *Educar com a mídia* {recurso eletrônico}. 1ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 2021.

GILLESPIE, S. K. *The early American daguerreotype - cross-currents in art and technology*. The MIT Press, Cambridge, 2016

HARMER, Jeremy. *How to Teach English – An introduction to the practice of English language teaching*. Sétima impressão. Essex, England. 2001

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 1ª ed. São Paulo. Martins Fontes, 2013.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Prévia da População dos Municípios com base nos dados do Censo Demográfico 2022*. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/22827-censo-demografico-2022.html?=&t=resultados>>

KRAUSS, Rosalind. *O Fotográfico*. Tradução de Anne Marie Davée, Editorial Gustavo Gili, 1991

KOSSOY, Boris. *Realidade e Ficções na Trama Fotográfica*. 5ª edição. São Paulo, Ateliê Editorial, 2016.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*; Tradução de Carlos Irineu da Costa. 1ª Ed: São Paulo, Editora 34. São Paulo, 1999

MACHADO, A. *A ilusão especular: uma teoria da fotografia*. 1ª edição, 2ª reimpressão. Gustavo Gili, 2015.

MAUAD, Ana Maria. *Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces*. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º. 2, p. 73-98. 1996.

MEIRELES, F. S. *Pesquisa do Uso da TI- Tecnologia da Informação nas Empresas*. Fundação Getúlio Vargas - EAESP. São Paulo, 2022.

MORIN, A. Critères de <<scientificité>> de la recherche-action. Revue des sciences de l'éducation, 11(1), 31-40. <https://doi.org/10.7202/90047ar>. 1985

NUNES, Claudecy Campos. Reflexões sobre a abordagem comunicativa no ensino de línguas estrangeiras. Londrina, Entretextos, v. 18, n. 1, p. 219 - 241 jan./ jun. 2018.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. 30ª ed. Petrópolis, Vozes, 2014.

SPOLIN, Viola. *Jogos teatrais na sala de aula* Tradução: Ingrid Koudela SP. 1ª reimpressão. 3 ed. Perspectiva, 2017.

VASCONCELOS, C. R. D.; JESUS, A. L. P.; SANTOS, C.M. *Ambiente virtual de aprendizagem (AVA) na educação a distância (EAD): um estudo sobre o moodle*. Braz. J. of Develop., Curitiba, v. 6, n. 3, p.15545-15557, mar. 2020.